

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

O manejo do dinheiro pelo casal e suas implicações na qualidade conjugal

Mestranda: Jeniffer Harth

Orientadora: Prof^a Dr^a Denise Falcke

São Leopoldo, abril de 2013.

O manejo do dinheiro pelo casal e suas implicações na qualidade conjugal

Mestranda: Jeniffer Harth

Orientadora: Prof^a Dr^a Denise Falcke

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Área de Concentração Psicologia Clínica, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

São Leopoldo, abril de 2013.

H328m Harth, Jeniffer.

O manejo do dinheiro pelo casal e suas implicações na qualidade conjugal / Jeniffer Harth. – 2013.

77 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2013.

"Orientadora: Prof^a Dr^a Denise Falcke."

1. Casais. 2. Manejo do dinheiro. 3. Qualidade conjugal. I. Título.

CDU 159.9

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Bibliotecário: Flávio Nunes – CRB 10/1298)

*“A tarefa não é tanto
Ver aquilo que ninguém viu.
Mas pensar o que ninguém ainda pensou,
Sobre aquilo que todo mundo vê”
(Arthur Schopenhauer)*

AGRADECIMENTOS

O período de mestrado, para mim, foi marcado por distintos sentimentos e pensamentos. Foram dias e noites por vezes angustiantes e também muito gratificantes. Mas viver esse misto de sensações não foi somente uma árdua tarefa para mim, mas também para as pessoas que estiveram comigo nessa caminhada. Primeiramente e sempre, devo agradecer a Deus, pela oportunidade de concretizar mais essa etapa da minha vida profissional. Agradeço também aos meus pais, Eliana e Gilmar, que sempre acreditaram na minha capacidade e intuição de seguir aquilo que manda meu coração. Agradeço imensamente ao meu marido, Daniel, pelas infindáveis horas de paciência e compreensão que teve comigo, sabendo da importância desse mestrado para mim, me dando todo o suporte necessário, principalmente, o apoio emocional. Você é muito importante para mim, muito obrigada, meu amor!

Nessa caminhada, felizmente trocamos experiências e desabafos com nossos colegas. Quero agradecer a duas colegas muito queridas, Karine Maciel e Liana Pasinato. Karine, você foi meu ombro amigo e meu divã! Você é um doce de pessoa e foi adorável nas vezes em que conversamos e desabafamos nossos percalços com esse mestrado. Liana, você fez o mestrado ser mais divertido! Rimos juntas muitas vezes com os transtornos que tivemos, tentando não enlouquecer com nossas preocupações. Amigas, muitíssimo obrigada pela companhia e amizade de vocês!

Por fim e não menos importante, quero agradecer à minha orientadora, Denise Falcke. Se é que existe uma maneira de ser justa ao te descrever, eu diria que você é fantástica! Você é uma orientadora impecável na forma de auxiliar teus orientandos e fiquei muito feliz pela oportunidade de trabalharmos juntas. Sempre que precisei, você acolheu minhas dúvidas e fez elas parecerem pequenas. Admiro demais o quanto você soube perceber meu jeito de trabalhar e o quanto respeitou o meu tempo de processar tudo que aconteceu nesses dois anos. Agradeço-te muito pela parceria e pela orientadora maravilhosa que és! Muito obrigada Denise.

Àqueles que por ventura eu não tenha mencionado, sintam-se agradecidos. Cada um sabe da sua importância na minha vida e nos caminhos que trilho. De qualquer forma e a todo momento, meu muito obrigada!

SUMÁRIO

<i>RESUMO</i>	7
<i>ABSTRACT</i>	8
<i>APRESENTAÇÃO</i>	9
<i>SEÇÃO I – ARTIGO 1: Manejo do dinheiro pelo casal</i>	11
<i>SEÇÃO II – ARTIGO 2: Manejo do Dinheiro e Qualidade Conjugal</i>	36
<i>CONSIDERAÇÕES FINAIS DA DISSERTAÇÃO</i>	65
<i>ANEXOS</i>	67

RESUMO

O dinheiro e seu manejo são assuntos que vêm ganhando importância nas pesquisas acadêmicas, considerando o fato de que o dinheiro é um objeto presente nas mais diversas relações do nosso cotidiano, e, inevitavelmente, também presente nas relações conjugais. Nesse sentido, os artigos que compõem esta dissertação abrangem a temática do dinheiro, tendo como objetivos analisar o manejo do dinheiro pelos casais e investigar a relação do manejo do dinheiro com a qualidade conjugal. Participaram desses estudos 143 casais, casados oficialmente ou morando juntos, moradores da região metropolitana de Porto Alegre. O estudo utilizou abordagem quantitativa, tendo como instrumentos um questionário sóciodemográfico, um questionário do manejo do dinheiro, a Dyadic Adjustment Scale (DAS) e o Golombok Rust Inventory of Marital State (GRIMS). Os conflitos apontados pela literatura em relação ao manejo do dinheiro pelos casais, não ficaram evidentes nessa amostra. Todavia, verificou-se que, diferente dos estudos anteriores, não somente a forma com que os casais manejam o dinheiro, mas também o status financeiro dos mesmos estiveram relacionados com os conflitos sobre o dinheiro, uma vez que observou-se que quanto maior a renda, menor a possibilidade de infidelidade financeira ($r = -0,131$; $p = 0,045$). Além disso, verificou-se que os casais que mantinham um sistema de gerenciamento compartilhado do dinheiro foram aqueles que obtiveram maiores níveis de qualidade conjugal. Esses casais também apresentaram maior grau de felicidade com o relacionamento e maior nível de concordância em relação às finanças. Os resultados desse estudo corroboram com estudos anteriores, confirmando que o manejo do dinheiro afeta a qualidade conjugal.

Palavras-Chave: Casais. Manejo do dinheiro. Qualidade conjugal.

ABSTRACT

Money and its management are issues that have been gaining importance in academic research, considering the fact that money is an object present in several of our everyday relationships, and inevitably also present in marital relations. Accordingly, the items that make up this dissertation cover the topic of money, aiming to analyze the management of money for couples and investigate the relationship of managing money with marital quality. Participants in these studies 143 couples officially married or living together, residents of the metropolitan area of Porto Alegre. The study used a quantitative approach, as instruments sociodemographic a questionnaire, a questionnaire of managing money, the Dyadic Adjustment Scale (DAS) and the Golombok Rust Inventory of Marital State (GRIMS). The conflicts mentioned in the literature regarding the handling of money by couples, were not evident in this sample. However, it was found that, unlike previous studies, not only the shape with which couples handle money, but also the financial status of these were related to the conflict over money, since it was observed that the higher the income, the lower the possibility of financial infidelity ($r = -0.131$, $p = 0.045$). Furthermore, it was found that couples who maintained a system of shared management of money were those who had higher levels of marital quality. These couples also had a greater degree of happiness with the relationship and greater level of agreement about finances. The results of this study concur with previous studies, confirming that the management of money affects marital quality.

Keywords: Couples. Management of money. Marital quality.

APRESENTAÇÃO

O manejo do dinheiro é um foco de estudos cada vez mais frequente nas ciências humanas e sociais e vem ganhando destaque, não só no aspecto que envolve negócios, mas também nas relações interpessoais, inclusive nos relacionamentos conjugais. Embora seja um tema atual, o dinheiro ainda é considerado um tabu por muitos. Parte disso justifica-se pelo fato de que o dinheiro é carregado de simbolismos e significados muito particulares para cada pessoa (Cezar-Ferreira, 2007), além de compor um aspecto muito complexo no relacionamento conjugal, pois ao mesmo tempo em que o bem estar econômico soma-se a aspectos positivos da relação, as dificuldades financeiras também podem gerar conflitos (Hardie & Lucas, 2010). Nessa direção, o manejo do dinheiro já foi apontado como um dos principais motivos de conflito conjugal em estudos anteriores (Mosmann & Falcke, 2011; Papp, Cummings & Goeke-Morey 2009), podendo impactar na qualidade do relacionamento conjugal.

O nível socioeconômico dos cônjuges é uma das variáveis que compõem a qualidade conjugal, de forma que também a influencia (Sharlin *et. al.*, 2000). Todavia, não se trata somente do nível socioeconômico dos casais ou do montante de dinheiro que possuem, mas muito mais da forma como os casais manejam suas finanças (Cezar-Ferreira, 2007), pois o dinheiro, por si só, não define a qualidade ou o rumo do relacionamento (Paraguassú, 2005). Entende-se, dessa forma, que o dinheiro tem um importante papel nas relações conjugais, justificando o interesse pelo assunto e a importância desse tema para pesquisas acadêmicas.

Com o objetivo de investigar o manejo do dinheiro pelo casal e a relação da forma de manejo com a qualidade conjugal foi realizada a presente dissertação, composta por dois artigos quantitativos. O primeiro artigo teve como objetivo investigar o manejo do dinheiro pelo casal, além de conhecer as categorias de manejo do dinheiro utilizadas pelos casais e as

situações de infidelidade financeira que possam ter ocorrido durante o relacionamento conjugal. Por sua vez, o segundo artigo abordou a relação entre a qualidade conjugal e o manejo do dinheiro pelo casal. Ao final da dissertação, são apresentadas considerações finais, visando a integração entre os dois artigos apresentados.

SEÇÃO I – ARTIGO 1: Manejo do dinheiro pelo casal

Resumo

O manejo do dinheiro constitui-se em um dos motivos mais frequentes de conflito conjugal. Em vista disso, esse artigo teve como objetivo investigar o manejo do dinheiro pelo casal e conhecer as categorias de manejo utilizadas. Trata-se de um estudo quantitativo com delineamento descritivo. Participaram 143 casais, casados oficialmente ou morando juntos, com idade entre 19 e 81 anos, moradores da região metropolitana de Porto Alegre. Os participantes foram contatados por conveniência e aplicou-se um questionário sociodemográfico e um questionário sobre manejo do dinheiro. Os dados foram trabalhados estatisticamente, através de análises descritivas e inferenciais. Os resultados revelaram que a média de renda dos homens foi significativamente maior que a das mulheres e foram eles quem mais contribuía nas despesas da casa. A grande maioria (83,9%) disse conhecer a renda do/a parceiro/a e concordar com os gastos dele/a (86%). Grande parte (93,5%) afirma nunca ter cometido situações de infidelidade financeira e 91,9% acreditam que o(a) parceiro(a) também nunca tenha cometido. A maioria dos casais (58%) utiliza o sistema de gestão compartilhada do dinheiro. Observou-se que quanto maior a renda, menor a possibilidade de infidelidade financeira ($r=-,0131$; $p=0,045$). Os conflitos apontados pela literatura não ficaram evidentes nessa amostra, que, em geral revelou poucas situações de infidelidade financeira. Todavia, verificou-se que, ao contrário de estudos anteriores, os conflitos sobre o dinheiro estiveram relacionados com o status financeiro do casal, não somente com a forma com que manejam o dinheiro.

Palavras-Chave: Dinheiro. Finanças. Casal. Casamento.

Abstract

The management of the money is in one of the most common reasons for marital conflict. In view of this, this paper aims to investigate the handling of money by the couple and know the management categories used. This is a quantitative study with descriptive design. 143 couples participated, officially married or living together, aged between 19 and 81 years, residents of the metropolitan area of Porto Alegre. Participants were contacted by convenience and applied a sociodemographic questionnaire and a questionnaire on management of money. Data were statistically worked through descriptive and inferential analysis. The results revealed that the average income of men was significantly higher than that of women and who they were contributing more to the household. The vast majority (83.9%) said it was aware of the income of the partner and they agree with his spending (86%). The majority (93.5%) say they have never committed financial infidelity situations and 91.9% believe that their partners also has never committed. Most couples (58%) used a system of shared management of money. It was observed that the higher the income, the lower the possibility of financial infidelity ($r = -, 0131, p = 0.045$). The conflicts mentioned in the literature were not evident in this sample, which generally revealed few instances of financial infidelity. However, it was found that, unlike previous studies conflicts over money were related to the financial status of the bed, not only with the way they handle money.

Key-words: Money. Finance. Couple. Marriage.

Introdução

Muitos casais têm lutado contra os problemas financeiros que surgiram em função de crises econômicas mundiais, como o desemprego, a redução da renda e o aumento das dívidas (Moore & Palumbo, 2009), enquanto que outras pessoas, que já viviam uma tensão financeira, podem ter tido suas preocupações afloradas, devido a características de personalidade, história pessoal e diferenças de estilo de gerenciamento financeiro com os cônjuges (Falconier & Epstein, 2010). Independente de uma crise mundial, qualquer casal pode vivenciar problemas financeiros, como, por exemplo, no caso de perda do emprego, que é uma típica situação que leva a uma experiência de tensão financeira (Falconier & Epstein, 2010). Alguns estudos apontam para o fato de que é bem provável que um dos cônjuges relate algum tipo de tensão enquanto seu parceiro estiver vivendo problemas financeiros (Falconier & Epstein, 2010; Mauno & Kinnunen, 2002), o que pode levar a uma angústia conjugal (Robila & Krishnakumar, 2005), ainda mais se a contribuição financeira de ambos para as despesas da casa for muito diferenciada (Mills, Grasmick, Morgan & Wenk, 1992).

O dinheiro como um dos principais motivos de conflito conjugal já foi reconhecido em pesquisas prévias (Mosmann & Falcke, 2011; Papp, Cummings & Goeke-Morey 2009). Mais do que a quantidade de dinheiro disponível, os estilos de gerenciamento financeiro são percebidos como um fator importante na convivência conjugal, tendo sido investigados por Pahl, em 1989, quando identificou quatro categorias de gerenciamento do dinheiro. São elas:

- 1) Sistema de gerenciamento total dos gastos: em que todo o ganho salarial é gerenciado por uma única pessoa, que controla todos os gastos da casa, exceto os gastos pessoais do parceiro. O autor revela que geralmente é a mulher quem faz esse controle, mas que, quando o homem é quem gerencia o dinheiro, ele pode negar à mulher o acesso ao dinheiro sem sua permissão;
- 2) Sistema de gerenciamento por mesada ou pensão: em que um dos cônjuges é o principal provedor financeiro, fornecendo um valor para as despesas da casa e mantendo um valor não

revelado para outros gastos, inclusive seus gastos pessoais; 3) Sistema de gestão compartilhada do dinheiro: em que ambos os cônjuges têm acesso ao dinheiro e ambos têm um papel ativo na tomada de decisões financeiras e 4) Sistema de gestão independente do dinheiro: em que cada cônjuge tem o controle individual sobre sua renda e compromissos individuais com as despesas e nenhum dos cônjuges tem acesso ao dinheiro do outro.

Os casais usam diferentes estilos de gerenciamento do dinheiro, que podem funcionar ou resultar em conflitos entre o casal, podendo gerar estresse (White & Rogers, 2000) e diminuir a intimidade do casal (Hardie & Lucas, 2010). Um estudo realizado no Sul da Inglaterra (Burgoyne *et. al.*, 2007), com 42 casais em primeira união, buscando capturar as diferentes experiências e perspectivas referentes ao gerenciamento do dinheiro, ilustra a funcionalidade e transição de um tipo de gerenciamento para outro. Esse estudo mostrou que a maioria dos casais mantinha uma gestão independente do seu dinheiro antes do casamento e passou a adotar sistemas coletivos de gerenciamento após o primeiro ano do mesmo. Os autores acreditam que os casais que mantêm uma gestão independente mesmo após um ano de casamento, possivelmente tenham conflitos mais tarde, devido à incompatibilidade nas decisões dos gastos. O planejamento das despesas de um casal é algo bastante difícil, pois o dinheiro tem um significado e simbolismo particular para cada pessoa, tornando-se quase impossível a realização de um planejamento que seja do agrado de ambos os cônjuges (Cezar-Ferreira, 2007).

Refletindo sobre questões de gênero relacionadas ao manejo do dinheiro, Perguer (2010) considera que um fator que pode interferir na qualidade conjugal é quando um dos cônjuges, podendo prover a relação, não permite ao seu parceiro condições de vida compatíveis com a renda que ele possui. Essa situação coloca em dúvida o quanto esse cônjuge quer, de fato, investir na relação. Ainda na opinião desse autor, a relação conjugal pode ser satisfatória quando o homem a provém, da mesma maneira se a mulher o fizer, pois

alguns homens não se importam de serem sustentados e algumas mulheres preferem prover financeiramente a relação (Perguer, 2010). Todavia, nem sempre essa situação funciona, pois o sucesso financeiro de uma mulher pode representar uma ameaça para o homem (Costa, 2007), tanto que muitas mulheres com ganho igual ou superior ao cônjuge muitas vezes preferem deixar seu dinheiro em total posse do companheiro, a fim de evitar que o mesmo, ao sentir-se inferior, venha a abandoná-la (Costa, 2007).

As mulheres têm se tornado cada vez mais independentes financeiramente, inclusive tendo crescido o número de mulheres que provêm financeiramente o casal, como mostra a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, que ressalta que, de 2009 a 2011, o número de famílias em que a mulher é a principal provedora financeira subiu de 35,1% para 37,4%, correspondente a mais de 24 milhões de famílias brasileiras (IBGE, 2011). Ainda assim, é comum que o homem seja o principal provedor financeiro em um relacionamento (Perguer, 2010), levando-o a ter maior influência sobre o dinheiro, inclusive sem ser questionado sobre seus gastos pessoais (Burgoyne, et. al., 2007). Mesmo as mulheres mostrando maior independência na sua atitude com o dinheiro, elas tendem a ser mais precavidas e sentem-se inseguras quanto ao que fazer com o mesmo sem o auxílio do companheiro (Perlin, 2006). Com isso, nota-se que o dinheiro tem sido, além de um objeto de poder financeiro, também um objeto com significado emocional e, devido a isso, pode influenciar o comportamento das pessoas (Rose & Orr, 2007), inclusive na manutenção ou questionamento dos tradicionais papéis de gênero.

Indiferente de quem é o provedor financeiro, o dinheiro faz com que aquele que tem sua posse se sinta superior e com direito de dominar o outro (Gikovate, 1987), sendo inclusive possível que busque manipular os acontecimentos de sua vida e dos outros (Cardoso & Lima, 2006). Nesse sentido, há um estudo realizado por Perlin (2006), com cinco casais, visando identificar e discutir as dimensões que afetam a satisfação conjugal no casamento de duplo

trabalho, em que a autora identificou que, na intenção de manter a submissão da mulher no relacionamento, o homem pode querer torná-la dependente financeiramente dele.

Através de um olhar psicanalítico, Costa (2007) também procura fazer uma compreensão do dinheiro na relação conjugal, entendendo-o tanto como uma representação de demonstração de afeto quanto uma manifestação agressiva. Ainda segundo o autor, é possível dizer que a maneira como os cônjuges lidam com o dinheiro na relação é um reflexo da maneira como eles amam seu parceiro. Há uma pesquisa realizada com 1.597 casais coabitantes da Suécia e Noruega (Wiik *et. al.*, 2010), com idade entre 25 e 35 anos, em que tanto o dinheiro quanto o amor aparecem como fatores importantes na decisão pelo casamento. Essa pesquisa teve como finalidade examinar a associação entre recursos socioeconômicos, qualidade do relacionamento, compromisso e intenções desses casais na decisão pelo casamento, mostrando que as mulheres têm maior preocupação com o compromisso na união como um fator positivo na intenção de casar, enquanto que os homens são mais influenciados tanto pela sua renda quanto da parceira, além da sua própria educação.

Outra pesquisa, realizada com 115 adultos coabitantes, de classe média baixa, moradores de Ohio (Smock, Manning & Porter, 2005), teve o objetivo de explorar como os aspectos econômicos podem influenciar na decisão pelo casamento e também mostrou a importância das questões financeiras nessa decisão. O resultado indicou que as pessoas que coabitam percebem as questões financeiras como importantes para o casamento, sugerindo que essas pessoas acreditam que o casamento deve ocorrer depois que algo já tenha mudado no relacionamento, nesse caso, o status financeiro.

A partir das pesquisas de Wiik *et. al.* (2010) e Smock, Manning e Porter (2005) também é possível inferir que, se o dinheiro é um fator importante na decisão pelo casamento, provavelmente continuará a sê-lo durante o mesmo, podendo, o seu manejo, estar relacionado com a qualidade conjugal. Essa inferência torna-se ainda mais possível levando em

consideração uma pesquisa realizada na Grã-Bretanha, com 1.292 pessoas casadas ou em um relacionamento coabitante (Vogler *et. al.*, 2008), que mostrou que os homens e mulheres estavam mais insatisfeitos com a vida familiar, e em geral, quando tomavam decisões individuais sobre seus gastos em relação àqueles que tomavam decisões conjuntas. Essa pesquisa teve como objetivo avaliar a extensão em que os padrões de gestão individualizada do dinheiro estão associados com a mudança para uma maior igualdade entre os parceiros e suas implicações para a satisfação com o relacionamento e a felicidade com a vida.

Nesse sentido, o dinheiro parece ter um importante papel nas relações conjugais e tem sido visto muito mais como um dispositivo que facilmente ocasiona conflitos entre os cônjuges. Porém, os resultados preliminares de uma pesquisa que está sendo desenvolvida com o objetivo geral de conhecer os diferentes arranjos conjugais da atualidade (Féres-Carneiro, Ziviani, & Magalhães, 2011) têm demonstrado que o dinheiro talvez não seja o grande vilão nas relações conjugais. Das 36 entrevistas analisadas, em apenas quatro delas o dinheiro foi citado como um problema na relação, estando associado à cobrança e ao controle do cônjuge, o que diz respeito muito mais ao manejo que os mesmos fazem do dinheiro do que à quantidade do mesmo.

Atualmente, dentro da temática do dinheiro, percebe-se o uso do termo “infidelidade financeira”, especialmente por meios não acadêmicos. Essa nomenclatura, utilizada em dados de pesquisa de mercado (Forbes, 2010), se refere a ideia de traição financeira, quando um dos cônjuges mente sobre questões relacionadas às finanças do casal. Geralmente são situações relacionadas à omissão ou alteração de informações sobre o valor dos gastos e dívidas, contas bancárias e até mesmo outras fontes de renda. Embora esse conceito tenha se popularizado através da mídia, não foram localizados estudos científicos que envolvam esse descritor, apenas pesquisas de cunho informal. Nesse sentido, torna-se relevante que as situações

relacionadas ao manejo financeiro do casal investiguem situações que possam estar relacionadas ao conceito de infidelidade financeira.

A partir dos estudos até então vistos e da literatura sobre o tema, parece evidente que o dinheiro mobiliza questões psicológicas importantes, além de ser um objeto inevitavelmente presente na vida a dois. Partindo desses pressupostos, este artigo teve como objetivo geral investigar o manejo do dinheiro pelo casal. Mais especificamente, buscou-se conhecer as categorias de manejo do dinheiro utilizadas pelos casais e as situações de infidelidade financeira que possam ter ocorrido durante o relacionamento conjugal.

Método

4.1 Delineamento

Essa pesquisa foi realizada através de um estudo quantitativo, com delineamento descritivo, que buscou caracterizar o manejo do dinheiro pelo casal.

4.2 Participantes

A pesquisa foi realizada com 143 casais, casados oficialmente ou em união estável. Primeiramente pensou-se em excluir da pesquisa todos os casais que tivessem filhos ($n=97$), mas as análises estatísticas demonstraram não haver diferenças significativas entre os casais com ou sem filhos, participantes dessa pesquisa, com exceção apenas no que se refere a um maior gasto em saúde pelos casais com filhos ($t=-2,353$; $p=0,019$). Assim, optou-se por realizar as análises considerando a amostra completa.

Sendo assim, compuseram a amostra 143 casais com idades que variaram de 19 a 81 anos ($m=41,23$; $dp=12,77$), residentes na região metropolitana de Porto Alegre. Do total, 60,6% eram casados oficialmente e 39,4%, moravam juntos. A maioria possuía filhos

(68,1%), ensino médio (44,2%) e trabalhava (83,9%). A tabela a seguir apresenta dados descritivos da amostra:

Tabela 1 – Informações gerais dos participantes

Tempo de relacionamento (Média)		15,7 (1-56 anos) (dp=12,1)
Idade com que casou (Média)		26,5 (16-56 anos) (dp=7,3)
Situação conjugal	Casados oficialmente	60,6 %
	Morando juntos	39,4%
Filhos	Tem	68,1%
	Não tem	31,9%
Escolaridade	Sem instrução formal	0,8%
	Fundamental	8,7%
	Médio	44,2%
	Superior	22,3%
	Pós graduação	24,2%
Religião	Católica	67,3%
	Evangélico	9,7%
	Espírita	7,2%
	Protestante	4,3%
	Sem religião	6,8%
	Outra	4,7%
Trabalho	Exerce atividade remunerada	83,9%
	Não exerce atividade remunerada	16,1%

Quanto à situação de trabalho, 53,8% possuíam vínculo como empregados, 30,1% eram autônomos, 8,6% aposentados ou pensionistas, 3,9% exerciam atividade no lar, 2,2% eram estudantes e 1,4% estavam desempregados. A média de renda pessoal dos homens foi significativamente maior do que das mulheres, sendo R\$ 4.195,96 para os homens e R\$ 2.828,74 para as mulheres ($t=-2,572$; $p=0,011$).

4.3 Instrumentos

Foram utilizados como instrumentos um questionário de dados sociodemográficos e um questionário sobre o manejo do dinheiro. O questionário de dados sociodemográficos coletou informações como idade, escolaridade, tempo de casamento, situação ocupacional e renda, buscando caracterizar a amostra do estudo. Com relação ao manejo do dinheiro, como não foram localizados questionários validados a respeito do construto, para essa pesquisa foi elaborado um questionário com versão masculina e feminina (Anexo A e B) baseado na revisão de literatura e em pesquisas já realizadas sobre o tema. Inicialmente, o questionário sobre manejo do dinheiro foi elaborado de forma a contemplar duas dimensões desse manejo, sendo a primeira uma dimensão descritiva da situação financeira do casal, com questões como o conhecimento sobre a renda do cônjuge, quem costuma contribuir mais nas despesas da casa, quais são as prioridades de gastos do casal, entre outros. A segunda dimensão do manejo do dinheiro abordada nesse questionário dizia respeito à infidelidade financeira, contemplando questões como terem cometido algum gasto ou compra escondido do(a) parceiro(a), terem escondido uma conta bancária ou terem pego dinheiro do(a) parceiro(a) sem que ele(a) soubesse, além de questões sobre as consequências da infidelidade financeira cometida pelos cônjuges. O questionário foi submetido a cinco juízes que avaliaram a pertinência e adequação dos itens ao construto que se pretendia investigar, tendo obtido parecer favorável.

A partir do estudo piloto realizado com 30 casais, foi possível identificar que os dados descritivos demonstraram capacidade de caracterizar a amostra do estudo. Além disso, o coeficiente Alpha de Cronbach obtido para a dimensão de infidelidade financeira foi de 0,84, considerado bastante adequado para a manutenção do instrumento na forma como foi construído. Todavia, constatou-se uma dificuldade em categorizar os casais conforme o tipo de gerenciamento do dinheiro, como descrito por Pahl (1989). Nesse sentido, optou-se por incluir uma terceira dimensão do manejo do dinheiro no instrumento, que diz respeito a essas

categorias de gerenciamento, sendo elas: gerenciamento total do dinheiro, gerenciamento por pensão ou mesada, gerenciamento compartilhado e gerenciamento individual do dinheiro do casal. Essa dimensão foi analisada através de uma questão em que os casais optaram por uma de quatro alternativas, aquela que melhor descrevia a forma como eles gerenciavam o dinheiro do casal. Outra alteração realizada no instrumento diz respeito à sentença “Não tenho certeza se meu companheiro/minha companheira cometeu alguma das situações” que, por exigir uma dupla negativa em relação às alternativas falso ou verdadeiro, poderia comprometer as respostas dos participantes. Ela foi substituída por “Tenho dúvida se meu companheiro/minha companheira cometeu alguma das situações”.

Com essas três dimensões acerca do manejo do dinheiro pelo casal – descrição da situação financeira do casal, infidelidade financeira e categorias de gerenciamento do dinheiro – buscou-se mapear a forma como os cônjuges gerenciam seu dinheiro. O Alpha de Cronbach obtido ao final do estudo foi de 0,895, indicando a confiabilidade do instrumento.

4.4 Procedimentos de coleta de dados

Após aprovação no Comitê de Ética da Unisinos (parecer número 11/129), os participantes foram contatados por conveniência, através da indicação de conhecidos. O questionário foi aplicado aos cônjuges simultânea, mas separadamente, de forma que um não soubesse das respostas do outro. Essa aplicação foi feita em local escolhido pelo casal, de forma que fosse mantida a privacidade dos mesmos. Após o contato com os participantes, foi feito um rapport explicando os objetivos da pesquisa. Depois disso, foi solicitado aos participantes que assinassem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), garantindo que estavam cientes de sua participação nessa pesquisa.

4.5 Análise dos dados

Os dados foram trabalhados estatisticamente através de análises descritivas, para a caracterização do manejo do dinheiro pelo casal. Comparações entre grupos foram realizadas através do teste t de Student ou de análise de variância e as associações entre variáveis foram analisadas através de correlação de Pearson.

Resultados

A grande maioria dos participantes (83,9%) disse ter conhecimento do quanto seu parceiro ganha e, quando questionados sobre qual seria a renda do parceiro, ao compararmos com o valor expresso pelo próprio sujeito, observou-se um moderado nível de concordância ($K=0,54$; $p=0,021$), indicando que os cônjuges possuem informações que se aproximam do valor exato declarado pelo companheiro. Um total de 86,7% dos participantes considerou a renda familiar suficiente para viverem e pouco mais da metade (55,4%) referiu que ambos os cônjuges contribuem igualmente nas despesas da casa, sendo ainda o homem, apesar de pouca diferença (50,4% em relação a 49,6% das mulheres), aquele que mais contribui. Essa mínima diferença talvez justifique o fato de que 90,9% dos participantes consideraram que seu cônjuge não deveria contribuir mais do que contribuía no momento. Somente 8,1% dos participantes consideraram que seu(sua) parceiro(a) poderia contribuir de forma mais expressiva do que o faz para as despesas domésticas.

Com relação aos gastos do(a) parceiro(a), 86% dos participantes referiram concordar com a maioria dos gastos dele(a). Apesar disso, 20,9% referiram que costumam brigar quando há um gasto indevido por parte do(a) parceiro(a). Os cônjuges relataram, em sua maioria (67,5%), que ambos controlam o dinheiro do casal e, nos casos em que esse controle é separado, as mulheres são as que mais controlam o dinheiro, com 17,3%, contra 15,2% dos homens. Um percentual expressivo de 83,5% dos participantes diz receber ajuda de outras pessoas na renda familiar, tais como pais, sogros, avós e filhos.

Os participantes tiveram de enumerar de 1 a 9 suas prioridades de gastos, dentre algumas opções estipuladas no questionário. O quesito que obteve maior pontuação como prioridade 1 foi a alimentação, em que a maioria (50,2%) mencionou como o item que mais impacta no orçamento doméstico. Quanto às despesas da casa (aluguel, condomínio, água e luz), 33,2% a estipularam como segunda prioridade. Os interesses pessoais apareceram como maior prioridade para apenas 0,4% dos participantes, tendo obtido maior índice na oitava posição (26,1%). Um percentual de 31,3%, estipulou os investimentos como prioridade número oito e a opção outros foi a mais pontuada como última prioridade (61,5%), indicando que os itens citados no questionário contemplavam os principais gastos, não sendo necessário aos casais acrescentarem outros indicadores.

No relacionamento atual, 57,5% dos participantes disseram já ter juntado suas finanças com o companheiro alguma vez, sendo que 18,2% juntaram as finanças em conta corrente, 15,5% no cartão de crédito, 14,2% na poupança e 6,1% juntaram dinheiro. Verificou-se ainda que 10,1% dos participantes indicaram que teriam juntado outro tipo de finança (bens, investimentos e dívidas) e 35,8% indicaram já terem juntado as finanças em mais de uma das opções anteriores. Ainda que 42,5% dos participantes nunca tenham juntado suas finanças com o companheiro, a maioria deles (79,3%) planeja seus gastos em conjunto.

A tabela a seguir apresenta os dados relacionados à infidelidade financeira, a partir da frequência de respostas dos participantes.

Tabela 2: Percentual de respostas sobre indicativos de infidelidade financeira

	Nunca	Raramente	Às vezes	Frequentemente
Escondi dinheiro do meu companheiro	77,0	14,7	7,9	0,4
Escondi um pequeno gasto do meu companheiro	58,1	28,2	12,3	1,4
Escondi um grande gasto do meu companheiro	88,1	8,3	3,2	0,4
Escondi um extrato bancário do meu companheiro	84,8	10,9	3,6	0,7
Escondi uma conta bancária do meu companheiro	92,8	4,3	2,9	0
Menti ao meu companheiro sobre algo relacionado às finanças	77,5	16,7	5,1	0,7

Menti ao meu companheiro sobre uma dívida que eu devia	81,9	13,0	2,9	2,2
Menti ao meu companheiro sobre quanto dinheiro eu ganho/ganhava	89,5	7,6	2,2	0,8
Peguei dinheiro do meu companheiro sem ele saber	93,5	5,0	0,4	1,1

Conforme a tabela acima, observa-se que a grande maioria dos participantes nunca cometeu qualquer uma das situações de infidelidade financeira mencionadas, com maior expressão em 93,5% que afirmam nunca terem pegado dinheiro do(a) parceiro(a) sem que ele(a) soubesse. Os participantes que já cometeram alguma infidelidade financeira relataram, em sua maioria, que foram raras às vezes em que isso aconteceu, sendo que a situação mais comum foi esconder um pequeno gasto do(a) parceiro(a) (28,2%). A situação de infidelidade financeira que mais apareceu como frequentemente realizada, com apenas 2,2%, foi mentir ao(a) parceiro(a) sobre uma dívida que devia.

Considerando as situações de infidelidade financeira analisadas, verificou-se que não houve diferença entre os sexos ($p=0,454$) e entre a situação conjugal – casados oficialmente ou morando juntos ($p=0,863$). Na mesma direção, não observou-se correlação entre a infidelidade financeira e a idade ($p=0,258$) ou o tempo de relacionamento ($p=0,330$). As situações de infidelidade financeira somente se correlacionaram negativa e significativamente com a renda pessoal ($r=-0,131$; $p=0,045$), indicando que quanto maior a renda, menor a frequência de infidelidade financeira.

Além dos participantes responderem sobre situações de infidelidade financeira cometidas por eles próprios, também foram questionados sobre a possibilidade de seus companheiros terem cometido essas situações. A tabela a seguir apresenta os dados a respeito da percepção dos participantes sobre as atitudes dos cônjuges.

Tabela 3: Percentual de respostas sobre indicativos de infidelidade financeira cometidos pelo(a) companheiro(a)

	Nunca	Raramente	Às vezes	Frequentemente
Meu companheiro escondeu dinheiro de mim	80,7	11,7	6,2	1,4

Meu companheiro escondeu um pequeno gasto de mim	61,2	23,8	12,5	2,5
Meu companheiro escondeu um grande gasto de mim	86,2	8,4	3,6	1,8
Meu companheiro escondeu um extrato bancário de mim	88,0	7,3	2,9	1,8
Meu companheiro escondeu uma conta bancária de mim	92,6	4,1	2,2	1,1
Meu companheiro mentiu sobre algo relacionado às finanças	82,0	11,4	5,5	1,1
Meu companheiro mentiu sobre uma dívida que ele devia	87,5	7,0	3,3	2,2
Meu companheiro mentiu sobre quanto dinheiro ele ganha/ ganhava	91,2	4,8	2,6	1,4
Meu companheiro pegou dinheiro meu sem eu saber	91,9	5,5	1,5	1,1

Na tabela acima, nota-se que os resultados não mudaram significativamente em relação à tabela anterior, mostrando que os participantes acreditam que seus companheiros, assim como eles mesmos, em sua maioria, nunca cometeram nenhuma situação de infidelidade financeira. Um percentual de 91,9% dos participantes diz que seu(sua) companheiro(a) nunca pegou dinheiro seu sem que ele(a) soubesse, mesma situação que esses participantes afirmam, em sua maioria, nunca terem cometido. Entre os participantes que mencionaram que seu(sua) companheiro(a) já cometeu alguma infidelidade financeira, a maioria também relata que raramente isso aconteceu, sendo que 23,8% afirmam que seu(sua) parceiro(a) já escondeu um pequeno gasto. Essa mesma situação é mencionada por 2,5% dos participantes como aquela que é mais frequentemente cometida por seu(sua) companheiro(a).

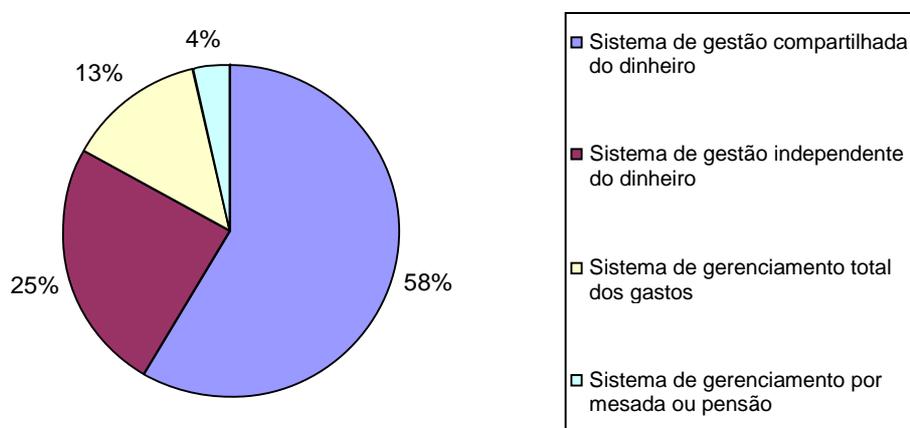
Considerando as situações de infidelidade financeira que os participantes avaliaram como tendo sido cometidas por seus parceiros, verificou-se que não houve diferença entre os sexos ($p=0,746$), a situação conjugal ($p=0,433$), a idade ($p=0,594$), o tempo de relacionamento ($p=0,493$) e a renda ($p=0,195$).

Os participantes também foram questionados quanto às consequências derivadas de terem acontecido as situações de infidelidade financeira. Dentre os participantes que tinham cometido alguma das situações de infidelidade financeira, 42,4% referiram que houve uma discussão sobre o assunto, 8,8% consideraram a possibilidade de divórcio, 8,4% disseram que passaram a ter menos confiança no relacionamento, 7,9% referiram ter separado suas finanças a partir de então e 7,3% consideraram que passaram a ter menos intimidade no

relacionamento. Ainda considerando possíveis consequências, 28,8% indicaram não terem se importado com o acontecido e 17,4% não chegaram a conversar sobre o assunto. Mesmo que se trate de uma dificuldade enfrentada pelo casal, a maioria dos participantes também identificou uma consequência positiva a partir do ocorrido, uma vez que 72,2% consideraram que, após o momento de crise, ficaram mais unidos ou cresceram como casal.

Também foram feitas perguntas sobre diferentes possíveis soluções que o casal tenha adotado após uma situação de infidelidade financeira, sendo referido por 81,7% que eles resolveram se comunicar mais abertamente sobre as finanças; 27,7% decidiram manter contas separadas e 31% referiram ter deixado tudo como estava, ainda que devessem ter mudado. Em contrapartida, muitos participantes manifestaram indiferença à situação ocorrida, pois 50,9% concordaram que não viram necessidade de mudar e 65,6% concordaram que isso não é um problema no relacionamento atual. É interessante considerar que a maioria dos participantes revela que o parceiro ficou sabendo da situação de infidelidade cometida por ele (80,6%) e somente 25,6% indica ter dúvida se o companheiro cometeu alguma das situações de infidelidade financeira descritas.

Quanto ao gerenciamento financeiro do dinheiro, os casais se distribuíram da seguinte forma:

Figura 1. Manejo do dinheiro pelo casal

Conforme as categorias de gerenciamento do dinheiro estipuladas por Pahl (1989), a maioria dos participantes (58%) menciona que ambos os cônjuges gerenciam o dinheiro do casal e as despesas da casa, 25% dos participantes relatam que mantêm suas finanças separadas, da mesma forma como assumem compromissos individuais com as despesas da casa, 13% afirmam que apenas um dos cônjuges é responsável pelo gerenciamento total do dinheiro do casal e 4% dizem que um dos cônjuges destina parte do seu ganho salarial para o(a) companheiro(a) gerenciar as despesas domésticas.

Discussão

Através da caracterização da amostra, observou-se que, na imensa maioria dos casais, o sustento familiar é compartilhado por ambos os cônjuges (55,4%), ainda que a renda dos homens seja significativamente superior a das mulheres (média de R\$ 4.195,96 comparado com média de R\$ 2.828,74 das mulheres), o que também caracteriza os participantes como pertencendo a um nível socioeconômico médio. Percebe-se, ainda, que os homens são aqueles que mais contribuem nas despesas da casa, mantendo a afirmação feita por Perguer (2010), de

que o homem costuma ser o principal provedor financeiro em um relacionamento. Todavia, a pouca diferença (50,4% para os homens e 49,6% para as mulheres), ao se questionar quem mais contribui com os gastos da casa, reflete os dados do PNAD de 2011, mostrando que cresceu o número de mulheres que provém financeiramente a família (IBGE, 2011), remetendo a uma participação mais igualitária de ambos os cônjuges no sustento familiar e a um comprometimento conjunto em relação às despesas e ao planejamento dos gastos. Nesse sentido, a maioria dos casais parece não deixar margem para maiores conflitos por desentendimentos de planejamento do dinheiro, bem como o controle sobre o outro, devido a posse financeira, uma vez que somente 20,9% referiram brigar com o parceiro devido a algum gasto indevido por parte dele, o que parece indicar que a maioria dos participantes respeita as opções de gastos do companheiro.

Perlin (2006) mencionou que as mulheres costumam sentir-se inseguras quanto ao que fazer com o dinheiro sem o auxílio do companheiro, o que não parece ser um problema significativo para as mulheres desse estudo, pois são elas as que mais controlam o dinheiro quando o gerenciamento é feito exclusivamente por um dos membros do casal. Também é possível dizer que os participantes deste estudo não demonstram o intuito de manipular os acontecimentos da vida do(a) parceiro(a), como mencionado por Cardoso e Lima (2006). Isso porque os participantes, em sua maioria, fazem o gerenciamento do dinheiro em conjunto e, mesmo aqueles que nunca juntaram suas finanças, também fazem o planejamento dos gastos em conjunto, justificando o fato da maioria dos casais (58%) utilizarem um sistema de gestão compartilhada do dinheiro.

As situações de infidelidade financeira e suas consequências, mencionadas nesse estudo, de certa forma fazem referência a situações de desacordo do casal em relação ao dinheiro. Nesse sentido, observa-se que raramente os casais participantes tiveram desavenças ou precisaram remanejar seus acordos financeiros, pois a maioria afirma que nunca cometeu

uma situação de infidelidade financeira, da mesma forma que acredita que seu(sua) companheiro(a) também nunca o fez. Ainda assim, aqueles que afirmaram ter cometido alguma infidelidade financeira identificam que tiveram algumas consequências devido a isso, sejam elas negativas ou positivas. Uma delas foi o fato do casal ter passado a ter menos intimidade no relacionamento, confirmando os achados de Hardie e Lucas (2010), que consideram que problemas de ordem financeira podem diminuir a intimidade do casal. Também foi indicado que existiram discussões sobre o acontecido, menos confiança no parceiro, mudança no gerenciamento financeiro e inclusive a possibilidade de divórcio.

Este estudo também indicou que quanto maior a renda dos cônjuges, menor a frequência de situações de infidelidade financeira. Dessa forma, a média da renda pessoal dos participantes e a baixa probabilidade de estarem em situação de dificuldade financeira poderia justificar o fato da maioria deles nunca terem cometido qualquer situação de infidelidade financeira e, mesmo quando isso ocorreu, o casal conseguir reformular seu gerenciamento de forma que a relação fosse preservada. Tal pressuposto também vai de encontro com a literatura que indica que, independentemente da situação financeira, os conflitos com o dinheiro se relacionam prioritariamente a forma como o casal gerencia as finanças. Juntamente aos resultados do estudo proposto, é possível dizer que, da mesma forma que o status financeiro é importante na decisão pelo casamento (Smock, Manning & Porter, 2005) também pesa na resolução de conflitos relacionados ao dinheiro, possivelmente justificando os baixos índices de infidelidade financeira encontrados devido aos participantes serem de um nível socioeconômico médio.

Nesse estudo não foi estipulado como objetivo verificar o tipo de gerenciamento do dinheiro antes e após o casamento, mas dado o fato de que a maioria dos participantes, nesta pesquisa, mantém um gerenciamento conjunto com seu(sua) companheiro(a), pode-se refletir que os resultados encontrados corroboram o estudo realizado por Burgoyne *et al* (2007)

quando afirmam que a maioria dos casais passaram a gerenciar o dinheiro de forma conjunta após um ano de casamento. Burgoyne *et. al.* (2007) também afirmaram que os casais que mantêm um gerenciamento independente, mesmo após um ano de casamento, podem vir a ter conflitos devido à incompatibilidade nas decisões dos gastos. Parece que o sistema de gestão compartilhada do dinheiro, exercido pela maioria dos casais, também pode ser um fator determinante para que os casais deste estudo demonstrem quase sempre concordar com os gastos do(a) companheiro(a) e cometerem poucas situações de infidelidade financeira.

Observou-se que alguns sujeitos (7,9% dos que cometeram situações de infidelidade) revelaram que passaram a ter uma gestão independente do dinheiro depois de terem cometido alguma situação de infidelidade financeira, ainda que seja a minoria. Nesse caso, a mudança de um sistema de gerenciamento do dinheiro para outro, não se deu pela percepção de comprometimento na relação, mas como solução adotada diante de uma situação de infidelidade financeira.

Ainda como consequência das situações de infidelidade financeira cometida pelos participantes desse estudo, uma parcela bem significativa deles pareceu indiferente ao fato, já que, dentre aqueles que não buscaram por nenhuma solução ou não tiveram nenhuma consequência pelo fato, alegam que não viram a necessidade de mudar ou não consideraram isso um problema no relacionamento. Talvez isso demonstre que mesmo entre os casais que tiveram pequenos contratemplos em relação às finanças, o dinheiro, em si, não tem sido um grande problema entre os casais, indo ao encontro dos achados parciais do estudo de Féres-Carneiro, Ziviani, & Magalhães (2011), quando afirmam que o dinheiro não parece ser o grande vilão dos relacionamentos. Inclusive, os participantes do presente estudo, parecem conviver harmoniosamente no quesito gerenciamento financeiro, demonstrando boa adaptação a situações de desavenças financeiras ou até mesmo nem se importando com o fato, de forma

que mantiveram tudo do jeito como estava mesmo após uma situação de infidelidade financeira.

As consequências positivas relacionadas as situações de infidelidade financeira revelam que os participantes dessa pesquisa demonstraram bom grau de concordância em relação ao gerenciamento do dinheiro, tanto realizado em conjunto, como em relação as despesas pessoais do(a) parceiro(a). A maioria nunca cometeu qualquer situação de infidelidade financeira e, mesmo quando isso ocorreu, as soluções ou consequências no gerenciamento do dinheiro foram indicadas como mais positivas do que negativas. É possível inferir que esses casais têm conseguido lidar bem com o manejo do dinheiro do casal e que isso tem refletido na harmonia e até satisfação dos mesmos com o relacionamento, como relatou Vogler *et. al.* (2008) em seu estudo, quando afirmou que homens e mulheres se mostram mais satisfeitos com a vida familiar quando tomam decisões em conjunto do que aqueles que tomam suas decisões financeiras individualmente.

Estudos anteriores (Mosmann & Falcke, 2011; Papp, Cummings & Goeke-Morey 2009) reconheceram o dinheiro como um dos principais motivos de conflitos conjugais, porém nesse estudo, esse conflito não ficou evidente. Devemos, portanto, considerar possíveis mudanças culturais em relação ao manejo do dinheiro feito entre homens e mulheres. Ao mesmo tempo em que as mulheres têm conquistado sua independência financeira, os homens também têm avaliado a importância da sua participação nas tarefas domésticas. Talvez essa remodelação dos papéis de gênero tenha influenciado também a compreensão e vivência dos casais quanto ao manejo financeiro.

Considerações Finais

Diante da literatura a respeito do tema proposto nesse artigo, percebemos a diferença em relação aos dados encontrados com os resultados apontados por pesquisas anteriores. O

dinheiro desde sempre vem sendo descrito como um dispositivo de controle e mesmo ataque entre os cônjuges, em que um tenta manipular a vida do outro. Todavia, neste estudo, esses conflitos não ficam evidentes, parecendo que essa amostra foi constituída por casais que convivem harmoniosamente no quesito gerenciamento das finanças. É possível que esse estudo faça parte dos primeiros indícios de que o dinheiro já não se configura como um grande problema nas relações conjugais, em vista de uma maior igualdade entre os gêneros, que atualmente, compartilham de forma mais equiparada os gastos e investimentos do casal.

Por outro lado, não podemos deixar de levar em consideração a possibilidade dos resultados desse estudo terem sido contaminados pelas características da amostra, já que os participantes se enquadraram em um nível socioeconômico médio e que possivelmente não estivessem em alguma situação de dificuldade financeira. Inclusive percebeu-se que os dados que apontam o baixo índice de infidelidade financeira dessa mostra se correlacionam com a renda dos participantes, contrariando a literatura que vai na direção de que a forma de manejo é mais importante do que a quantidade de dinheiro. Além disso, devemos considerar a possibilidade de que os participantes desse estudo tenham respondido o instrumento conforme seu desejo de corresponder a uma expectativa social, nesse caso, mostrando que não possuem conflitos em relação ao dinheiro ou mesmo querendo não se expor em relação a esse assunto que ainda pode ser considerado tabu.

Acredita-se que o presente estudo teve o mérito de contribuir para uma maior reflexão sobre o assunto e para propor a versão inicial de um instrumento que possa avaliar o manejo do dinheiro pelo casal. Como não foram encontrados na literatura instrumentos disponíveis em relação a esse tema, optou-se por construir uma versão inicial de um instrumento e avaliar sua confiabilidade, a fim de que fossem atingidos os objetivos do estudo. Todavia, ressalta-se a importância de que estudos futuros possam validar um instrumento sobre o manejo do

dinheiro, e que se possa, dessa forma, instigar novas e importantes discussões sobre esse tema que ainda é pouco debatido.

Com os resultados desse estudo, que indicam a correlação entre renda e situações de infidelidade financeira, percebemos a necessidade de, em pesquisas subsequentes, mensurar a situação de endividamento dos casais e os diferentes níveis socioeconômicos, pois seriam variáveis que poderiam contribuir para uma melhor compreensão do fenômeno.

Referências

Burgoyne, C. B., Reibstein, J., Edmunds, A., & Dolman, V. (2007). Money management systems in early marriage: factors influencing change and stability. *Journal of Economic Psychology*, 28(1), 214-228.

Cardoso, F., & Lima, G. T. (2006). Diagnosticando patologias monetárias: seus impactos sobre a atividade produtiva na visão de Keynes e Veblen. *Estudos Econômicos*, 36(2), 293-321.

Cezar-Ferreira, V. A. M. (2007). *Família, separação e mediação: uma visão psicojurídica*. São Paulo: Editora Método.

Costa, G. P. (2007). *O amor e seus labirintos*. Porto Alegre: Artmed.

Falconier, M. K., & Epstein, N. B. (2010). Relationship satisfaction in Argentinean couples under economic strain: Mediating factors and gender differences in a dyadic stressmodel. *Journal of Social and Personal Relationships*, 27, 781 – 799.

Féres-Carneiro, T., Ziviani, C., & Magalhães, A. S. (2011). Arranjos amorosos contemporâneos: sexualidade, fidelidade e dinheiro na vivência da conjugalidade. In: T. Féres-Carneiro. (org.). *Casal e família: conjugalidade, parentalidade e psicoterapia*. (pp 43-60). São Paulo: Casa do Psicólogo.

- Gikovate, F. (1987). *Vício dos vícios: um estudo sobre a vaidade humana*. São Paulo: MG Editores Associados.
- Hardie, J. H. & Lucas, A. (2010). Economic factors and relationship quality among young couples: Comparing cohabitation and marriage. *Journal of Marriage and Family*, 72, 1141 – 1154.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. (2011). Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD.
- Mauno, S., & Kinnunen, U. (2002). Perceived job insecurity among dual-earner couples: Do its antecedents vary according to gender, economic sector, and the measure used? *Journal of Occupational and Organizational Psychology*, 75, 295 – 314.
- Mills, R. J., Grasmick, H. G., Morgan, C. S., & Wenk, D. (1992). The effects of gender, family satisfaction, and economic stress on psychological well-being. *Family Relations*, 41, 440 – 446.
- Moore, K. B. & Palumbo, M. G. (2009). *The finances of American household in the past three recessions: evidence from the Survey on Consumer Finances*. Washington, DC: Division of Research & Statistics and Monetary Affairs, Federal Reserve Board. Acesso em 9 de julho de 2012 em <http://www.federalreserve.gov/pubs/feds/2010/201006/201006pap.pdf>
- Pahl, J. (1989). *Money and marriage*. London: MacMillan.
- Perguer, N. K. (2010). Variáveis que devem ser consideradas na avaliação da qualidade do relacionamento conjugal. *Revista Perspectivas*, 1(2), 116-129.
- Perlin, G. D. B. (2006). *Casamentos contemporâneos: um estudo sobre os impactos da interação família-trabalho na satisfação conjugal*. Universidade de Brasília, Brasília, DF, Brasil.
- Robila, M., & Krishnakumar, A. (2005). Effects of economic pressure on marital conflict in Romania. *Journal of Family Psychology*, 19, 246 – 251.

Rose, G. M., & Orr, L. M. (2007). Measuring and exploring symbolic money meanings.

Psychology and Marketing, 24(9), 743-761.

Smock, P. J., Manning, W. D. & Porter, M. (2005). Everything's there except money: How money shapes decisions to marry among cohabitators. *Journal of Marriage and Family*, 67, 680 – 696.

Vogler, C., Lyonette, C., & Wiggins, R. D. (2008). Money, power and spending decisions in intimate relationships. *The Sociological Review*, 56(1), 2008.

White, L. & Rogers, S. J. (2000). Economic circumstances and family outcomes: A review of the 1990s. *Journal of Marriage and the Family*, 62, 1035 – 1051.

Wiik, K. A., Bernhardt, E., & Noack, T. (2010). Love or Money? Marriage intentions among young cohabitators in Norway and Sweden. *Acta Sociologica*, 53(3), 269-287.

SEÇÃO II – ARTIGO 2: Manejo do Dinheiro e Qualidade Conjugal

Resumo

A qualidade conjugal é composta e influenciada por diversos fatores, dentre eles, o dinheiro, objeto esse presente nas mais diversas relações cotidianas. Esse artigo teve como objetivo principal investigar a relação entre o manejo do dinheiro pelo casal e a qualidade conjugal. Trata-se de uma pesquisa de abordagem quantitativa, através de um estudo correlacional. Participaram 143 casais, casados oficialmente ou morando juntos, com idade entre 19 e 81 anos, moradores da região metropolitana de Porto Alegre. Os participantes foram contatados por conveniência e aplicou-se um questionário sociodemográfico, a DAS, o GRIMS e um questionário sobre manejo do dinheiro. Foram feitas análises descritivas e inferenciais. Os resultados revelaram que a maioria dos participantes já juntou suas finanças com o(a) parceiro(a) em algum momento da vida a dois. Confirmando esse dado, verificou-se que a maioria dos casais (58%) utiliza o sistema de gestão compartilhada do dinheiro, enquanto que 25% dos casais gerenciam o dinheiro de forma independente e 17% gerenciam o dinheiro de forma que um dos cônjuges é quem maneja as finanças do casal. Verificou-se que os casais que mantinham um sistema de gerenciamento compartilhado do dinheiro foram aqueles que obtiveram maiores níveis de qualidade conjugal, tendo apresentado, também, maior nível de concordância em relação às finanças e maior grau de felicidade com o relacionamento. Os resultados desse estudo corroboram com estudos anteriores, confirmando que o manejo do dinheiro afeta a qualidade conjugal.

Palavras-Chave: Dinheiro. Qualidade conjugal. Finanças. Casamento.

Abstract

The marital quality is made and influenced by several factors, among them the money, this object present in various everyday relationships. This paper aimed to investigate the relationship between managing money for family and marital quality. It is a search for a quantitative approach through a correlational study. 143 couples participated, officially married or living together, aged between 19 and 81 years, residents of the metropolitan area of Porto Alegre. Participants were contacted by convenience and applied a sociodemographic questionnaire, the DAS, and the GRIMS a questionnaire about handling money. Analyzes were performed descriptive and inferential. Results showed that most participants have joined your finances with his/her partner at some point in life together. Confirming this finding, it was found that most couples (58%) used a system of shared management of money, while 25% of couples manage money independently and manages 17% of the money so that one spouse is who manages the finances of the couple. It was found that couples who maintained a system of shared management of money were those who had higher levels of marital quality, presenting also a greater level of agreement about finances and greater happiness with the relationship. The results of this study concur with previous studies, confirming that the management of money affects marital quality.

Key-words: Money. Marital quality. Finance. Marriage.

Introdução

A vida a dois movimenta-se por distintas experiências que são, ao mesmo tempo, a razão e o resultado da relação, como apoio mútuo, humor, comunicação, diálogo, carinho, opiniões, acordos, críticas, conflitos, conforto nas dificuldades e vivência de ambivalências. Além de todas essas experiências, para uma relação conjugal ser plena, é preciso que o casal tenha disposição em ceder e em ser cuidadoso com o outro. Isso significa, muitas vezes, abrir mão do controle em favor da relação (Silveira, 2007). Na dinâmica do casal, não se pode esquecer que a relação conjugal envolve a individualidade de cada cônjuge e a conjugalidade que esse casal irá construir com a relação (Féres-Carneiro, 1998), sendo que a individualidade se refere à identidade de cada parceiro, enquanto que a conjugalidade se refere à vivência conjunta dos mesmos (Magalhães, 2003). Em um relacionamento, pressupõe-se que haja desejos e projetos de vida em comum (Féres-Carneiro, 1998), mas também se espera que os cônjuges não percam sua identidade individual (Bucher-Maluschke, 2003). Seguindo um pensamento psicanalítico, no relacionamento, os cônjuges acreditam que o outro irá suprir suas carências e que irá realizar todos os seus desejos. É a satisfação por um objeto de desejo que motiva os indivíduos na busca por um parceiro (Anton, 2000). Ainda assim, é importante lembrar que, em uma relação conjugal, existem os limites de um e do outro, e é aprendendo a lidar com esses limites que o casal construirá uma vida compartilhada e poderá melhor vivenciar a qualidade conjugal (Whitaker, 1990).

O conceito de qualidade conjugal é um tanto subjetivo, pois não se pode afirmar o que exatamente a define em um ou outro casal, mas sabe-se que é resultado de um processo dinâmico, interativo e singular de cada casal (Mosmann, Wagner, & Féres-Carneiro, 2006). A qualidade conjugal é multidimensional, sendo que as principais dimensões que envolvem esse conceito são o contexto, os recursos pessoais dos cônjuges e os processos adaptativos dos mesmos. A satisfação é, também, uma dimensão desse conceito (Mosmann, Wagner, & Féres-

Carneiro, 2006). Sendo a satisfação uma dimensão da qualidade conjugal, pode-se afirmar que essa envolve o sentimento de bem-estar, de companheirismo, afeição e segurança, e que precisa ter um resultado positivo na relação entre as expectativas e a realidade vivida pelo casal (Gottman & Krokoff, 1989, Olson & Stewart, 1991, Miranda, 1987).

Com suas principais dimensões, a qualidade conjugal é atravessada e influenciada por todas as variáveis que a compõem, como o nível educacional, as experiências na família de origem, características de personalidade (Mosmann, Wagner, & Féres-Carneiro, 2006), o tempo de casamento (VanLaningham, Johnson, & Amato, 2001), atitudes, valores, sexo, presença ou não de filhos, nível de escolaridade, cultura, trabalho e, também, o nível socioeconômico dos cônjuges (Sharlin *et. al.*, 2000). As pessoas que se casam, que permanecem no casamento e que tem filhos, geralmente são aquelas que possuem maior nível educacional e melhores perspectivas econômicas (Carlson, McLanahan & England, 2004; Sweeney, 2002).

É esperado que em um relacionamento haja intimidade, afeto, realização sexual e mesmo amizade (Ricotta, 2002), mas, com o passar do tempo, o dinheiro pode tornar-se imprescindível, inclusive, para que os cônjuges possam manter os custos dos programas que gostam de fazer juntos. As questões financeiras de um casal dificilmente são um assunto conversado entre os cônjuges no início de uma relação, pois, nessa etapa, não há a preocupação do quanto cada um será responsável na obtenção e divisão do dinheiro na relação conjugal (Teykal & Rocha-Coutinho, 2007). Entretanto, na relação cotidiana do casal, costuma haver uma reivindicação por divisão de tarefas que sejam justas, em que os cônjuges se responsabilizem pelos compromissos da relação de forma igualitária. Essa reivindicação também tem ocorrido no que diz respeito às questões financeiras do casal, em que as despesas sejam realizadas em conjunto, sem haver dependência econômica de um em relação ao outro (Ribeiro & Ribeiro, 1995).

É comum que muitos casais possuam conta bancária conjunta, em que ambos têm a liberdade de controlarem e gastarem esse dinheiro sem que isso interfira na qualidade conjugal. Mas essa situação geralmente só é possível quando não há a preocupação em quanto e no quê o casal irá gastar, pois, em situações de dificuldades financeiras, o casal pode passar a ter conflitos por divergirem em opinião quanto ao uso do dinheiro, desencadeando inúmeras brigas e desentendimentos que, inclusive, nada tem a ver com a questão do dinheiro em si (Perguer, 2010). Hardie e Lucas (2010) realizaram um estudo nos Estados Unidos, com 1.625 casais coabitantes e 1.216 casais casados, com o objetivo de investigar a relação entre os fatores econômicos e a qualidade conjugal em jovens casais, comparando essa relação entre casados e coabitantes. Esse estudo apontou que as dificuldades financeiras estavam fortemente associadas com os conflitos conjugais tanto em casais coabitantes quanto casados. Segundo Schramm, Marshal, Harris e Lee, (2005), essa é uma realidade previsível porque as decisões ligadas às despesas ocupam um dos lugares de destaque na lista de preocupações dos casais, além de serem a principal fonte de conflitos dos mesmos, especialmente quando um deles sente que o outro tem maior influência nas decisões (Kirchler, Rodler, Holzl, & Meier, 2001).

Percebe-se que o dinheiro costuma ser um motivo de brigas constantes entre o casal, mas esses conflitos independem do montante de dinheiro que o casal possui, bem como do nível socioeconômico ou do nível de escolaridade de ambos. A dificuldade parece situar-se na maneira como essas brigas acontecem, já que o dinheiro pode ser um dispositivo de ataque dos cônjuges e resultar em ressentimentos entre o casal (Cezar-Ferreira, 2007). Entretanto, é importante salientar que as questões financeiras não podem ser avaliadas separadamente do contexto como um todo, pois, como Gottman (1998) menciona, a dificuldade financeira não é um fator que, por si só, influencia negativamente o casamento, assim como não é capaz de prever a manutenção ou dissolução do mesmo (Paraguassú, 2005). É uma avaliação

subjetiva do sujeito, e não a medida objetiva da situação financeira, que afeta o humor e a interação desse sujeito com os outros (Kinnunen & Feldt, 2004; Price, Choi & Vinokur, 2002), podendo refletir na sua relação conjugal.

Em pesquisa realizada por Papp, Cummings e Goeke-Morey (2009), com 100 maridos e 100 esposas, a maioria caucasianos, com a média de 12 anos de casamento, o objetivo foi investigar se o dinheiro estaria associado aos conflitos conjugais, observando-se que os conflitos relacionados ao dinheiro eram os mais problemáticos e recorrentes, permanecendo por longos períodos sem solução. Entende-se que os problemas em relação ao dinheiro geralmente dizem respeito à forma como os cônjuges querem gerenciá-lo (Cezar-Ferreira, 2007). As questões financeiras em um relacionamento são bastante complexas, pois enquanto o bem estar econômico pode prover aspectos positivos na qualidade conjugal, por outro lado as dificuldades financeiras podem instigar o conflito (Hardie & Lucas, 2010).

Em 1989, Pahl formulou quatro categorias de gerenciamento do dinheiro que são as mais comumente vistas entre os casais. Essas quatro categorias seriam: 1) Sistema de gerenciamento total dos gastos: todo o ganho salarial é gerenciado por uma única pessoa, segundo o autor, geralmente a esposa. Essa pessoa gerencia todos os gastos da casa, exceto os gastos pessoais do parceiro. Ele revela, ainda, que quando o homem é quem gerencia o dinheiro, ele pode fazer com que a mulher não tenha acesso ao dinheiro sem sua permissão; 2) Sistema de gerenciamento por mesada ou pensão: um dos cônjuges é o principal provedor financeiro, fornecendo um valor para as despesas da casa e mantendo um valor não revelado para outros gastos, inclusive seus gastos pessoais; 3) Sistema de gestão compartilhada do dinheiro: ambos os cônjuges têm acesso ao dinheiro e ambos têm um papel ativo na tomada de decisões financeiras e 4) Sistema de gestão independente do dinheiro: cada cônjuge tem o controle individual sobre sua renda e compromissos individuais com as despesas. Nesse sistema, nenhum dos cônjuges tem acesso ao dinheiro do outro.

No gerenciamento do dinheiro feito pelo casal, também se pode analisar o quanto ambos conseguem manter seus gastos sem maiores dívidas. Tanto esse é um fator importante que um estudo realizado com 1.078 casais, entre eles europeus, africanos e hispânicos (Dew, 2008), com o objetivo de investigar a relação entre as dívidas e a satisfação conjugal em casais recém-casados, demonstrou que as dívidas assumidas pelo casal fazem com que a satisfação conjugal torne-se um desafio constante. Com as dívidas, o casal muda a rotina de trabalho, passando menos tempo juntos, além de terem conflitos sobre as finanças ou na percepção de injustiças financeiras entre o casal. Nesse estudo, entendeu-se que tanto as mudanças nas expectativas relacionadas ao casamento quanto as dívidas assumidas pelo casal, estão, ambas, associadas ao declínio da satisfação conjugal.

Todos os aspectos mencionados pela literatura e pelos estudos encontrados mostram o quanto a relação conjugal está permeada por diversos fatores que não agem sozinhos, mas estão interligados entre si. Nesse sentido, não só o dinheiro, mas a forma como os casais o manejam também pode se refletir na qualidade conjugal. Assim, este artigo foi proposto com o intuito de investigar a relação entre a qualidade conjugal e o manejo do dinheiro pelo casal. Mais especificamente, mensurar a qualidade conjugal dos casais participantes e caracterizar como eles lidam com as finanças do casal. Além disso, buscou-se verificar se existem diferenças na qualidade conjugal e no manejo do dinheiro pelo casal considerando as variáveis sociodemográficas (sexo, idade, tempo de relacionamento, renda, nível de instrução, situação conjugal e de trabalho).

Método

4.1 Delineamento

Essa pesquisa foi realizada através de um estudo correlacional, com o qual é possível estabelecer uma relação entre as variáveis estudadas, devendo o pesquisador ter o cuidado de

não fazer qualquer interferência na constatação dessa relação. Esse tipo de pesquisa tem menor grau de generalização e inferências da relação entre as variáveis, não permitindo estabelecer causa e efeito, mas em contrapartida, permite fazer uma descrição mais acurada da relação entre as variáveis (Borges-Andrade & Abbad, 1996).

4.2 Participantes

Essa pesquisa foi realizada com 143 casais, casados oficialmente ou em união estável. Anteriormente às análises estatísticas realizadas, pensou-se em excluir da pesquisa todos os casais que tivessem filhos, considerando que essa poderia ser uma variável com forte influência no manejo do dinheiro. Todavia, ao realizar-se a comparação entre os casais com e sem filhos, identificou-se diferença significativa apenas no que se refere a um maior gasto em saúde pelos casais com filhos ($t=-2,353$; $p=0,019$). Assim, optou-se por realizar as análises considerando a amostra completa, uma vez que as variáveis foco do estudo não apresentaram-se diferenciadas entre casais com ou sem filhos.

Sendo assim, a amostra dessa pesquisa foi composta por 143 casais com idade entre 19 e 81 anos ($m=41,23$; $dp=12,77$), moradores da região Metropolitana de Porto Alegre. Desses casais, 60,6% eram casados oficialmente e 39,4% moravam juntos. O tempo médio de relacionamento desses casais foi de 15,7 anos ($dp=12,1$) e a idade média com que se casaram foi de 26,5 anos ($dp=7,3$). Como pode ser observado na tabela a seguir, a maioria dos participantes possui filhos (68,1%), concluiu o ensino médio (44,2%), é da religião Católica (67,3%) e exerce atividade remunerada (86,1%).

Tabela 1 – Informações gerais dos participantes

Tempo de relacionamento (Média)	15,7 (1-56 anos) ($dp=12,1$)
Idade com que	26,5

casou (Média)		(16-56 anos) (dp=7,3)
Situação conjugal	Casados oficialmente	60,6 %
	Morando juntos	39,4%
Filhos	Tem	68,1%
	Não tem	31,9%
Escolaridade	Sem instrução formal	0,8%
	Fundamental	8,7%
	Médio	44,2%
	Superior	22,3%
	Pós graduação	24,2%
Religião	Católica	67,3%
	Evangélico	9,7%
	Espírita	7,2%
	Protestante	4,3%
	Sem religião	6,8%
	Outra	4,7%
Trabalho	Exerce atividade remunerada	83,9%
	Não exerce atividade remunerada	16,1%

Quanto à situação de trabalho, 53,8% possuíam vínculo como empregados, 30,1% eram autônomos, 8,6% eram aposentados ou pensionistas, 3,9% exerciam atividade no lar, 2,2% eram estudantes e 1,4% estavam desempregados. A média de renda pessoal dos homens (R\$ 4.195,96) foi significativamente ($t=-2,572$; $p=0,011$) maior do que a das mulheres (R\$ 2.828,74).

4.3 Instrumentos

Para essa pesquisa foram utilizados como instrumentos um questionário de dados sociodemográficos, a Escala de Ajustamento Diádico (Dyadic Adjustment Scale - DAS, Spanier, 1976), uma escala que avalia a qualidade conjugal (Golombok Rust Inventory of Marital State - GRIMS, Rust, Bennun, Crowe, & Golombok, 1990) e um questionário sobre o manejo do dinheiro.

O questionário de dados sociodemográficos coletou informações como idade, escolaridade, situação conjugal, tempo de casamento, religião, situação ocupacional e renda, buscando caracterizar a amostra do estudo.

A DAS é uma escala utilizada para investigar o ajustamento diádico do casal, sendo avaliada em quatro dimensões: consenso, satisfação, coesão e expressão de afeto (Perlin, 2006). Essas quatro dimensões são entendidas como importantes aspectos a serem considerados no processo de ajuste do casal (Spanier, 1976). A DAS é composta por 32 itens, sendo 30 deles em escala *Likert*, com cinco a sete opções de respostas, que variam de “sempre em desacordo” a “sempre em acordo” ou desde “sempre” a “nunca”, sendo que a maioria dos itens contém seis opções de respostas. Outros dois itens possuem apenas duas opções de resposta, “sim” ou “não” (Norgren, Souza, Kaslow, Hammerschmidt, & Sharlin, 2004). O coeficiente de Alfa de Cronbach da versão original foi de 0,96 (Spanier, 1976). A DAS foi traduzida para o Brasil por Magagnin *et al.* (2003), em um estudo exploratório, não especificamente para sua validação. Em um estudo brasileiro (Hernandez, 2008), o Alfa de Cronbach geral da DAS foi de 0,93, confirmando sua consistência interna para aplicação em população brasileira.

O GRIMS é um inventário que se propõe a avaliar a qualidade do relacionamento conjugal através de cinco dimensões consideradas importantes, como a satisfação, a comunicação, os interesses compartilhados, a confiança e o respeito. O GRIMS é composto por 28 itens dispostos em escala *Likert* de quatro pontos, sendo elas “discordo fortemente”, “discordo”, “concordo” e “concordo fortemente”. Esse inventário indica que quanto maior os escores atingidos, mais severos são os problemas na relação conjugal (Mosmann & Wagner, 2008). O GRIMS foi desenvolvido em 1988, por Rust, Bennun, Crowe e Golombok, tendo sido aplicado em dois grupos, um grupo composto por 30 homens e 48 mulheres frequentadores de clínicas gerais e outro grupo composto por 80 casais pacientes de clínicas

voltadas ao atendimento de casais. Foi obtido alfa de Cronbach geral de 0,80 (Rust et al, 1990). O GRIMS foi traduzido e adaptado para o Brasil por Falcke (2003), tendo obtido Alpha de cronbach de 0,91.

Para avaliar o manejo do dinheiro pelo casal, foi elaborado um questionário com versão masculina e feminina (Anexo A e B) baseado na revisão de literatura e em pesquisas já realizadas dentro desse tema. Este questionário possui um total de 18 questões, que avaliam três dimensões acerca do manejo do dinheiro pelo casal – a dimensão descritiva da situação financeira do casal, com 11 questões, sendo 10 delas com respostas “sim” ou “não” e uma questão de enumerar prioridades de gastos de 1 a 9; a dimensão da infidelidade conjugal, com seis questões, sendo quatro em escala *likert* de quatro pontos cada uma (duas delas com resposta de “nunca” à “frequentemente” e as outras duas com respostas de “discordo completamente” à “concordo completamente”) e duas questões de verdadeiro ou falso; e a dimensão das categorias de gerenciamento do dinheiro, com uma questão na qual os participantes devem escolher uma dentre quatro alternativas, considerando aquela que melhor descreve a forma como eles manejam o dinheiro do casal. O Alpha de Cronbach obtido ao final do estudo foi de 0,895, indicando a confiabilidade do instrumento.

4.4 Procedimentos de coleta de dados

Após aprovação no Comitê de Ética da Unisinos (parecer número 11/129), os participantes foram contatados por conveniência, através da indicação de conhecidos. O questionário foi aplicado aos cônjuges separadamente, de forma que um não soubesse das respostas do outro. Essa aplicação foi feita em local escolhido pelo casal, preservando a privacidade dos mesmos. Após o contato com os participantes foi feito um rapport explicando os objetivos da pesquisa. Depois disso, foi solicitado aos participantes que assinassem o

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), garantindo que estavam cientes de sua participação nessa pesquisa.

4.5 Análise dos dados

Os dados foram trabalhados estatisticamente através de análises descritivas e inferenciais. A análise da relação entre a qualidade conjugal e o manejo do dinheiro pelo casal foi feita através de análise de correlação de Pearson, utilizando o programa estatístico SPSS. O coeficiente de correlação permite verificar a magnitude e a direção das relações. A magnitude diz respeito ao grau em que as variáveis andam paralelamente ou em oposição uma com a outra, enquanto que a direção indica se os valores grandes de uma variável têm relação com os valores grandes da outra variável, ou se os valores pequenos de uma variável têm relação com os valores pequenos da outra variável (Cooper & Schindler, 2001). Comparações entre grupos foram realizadas através do teste t de Student ou de análise de variância.

Resultados

Manejo do dinheiro pelo casal

A maioria dos participantes (55,4%) referiu que ambos os cônjuges contribuem igualmente nas despesas da casa, sendo que 86,7% consideraram que a renda familiar deles é suficiente para viverem. Os homens aparecem como aqueles que contribuem mais nas despesas da casa, ainda que essa diferença seja muito pequena (50,4% para os homens e 49,6% para as mulheres), de forma que os participantes acreditaram, em sua maioria (90,9%), que o(a) companheiro(a) não deveria contribuir mais do que já contribui nas despesas da casa.

Um percentual de 86% dos participantes disse concordar com a maioria dos gastos do(a) companheiro(a), ainda que 20,9% deles tenham relatado haver brigas quando ocorre um gasto indevido por parte do(a) companheiro(a). Quanto ao controle do dinheiro do casal, 67,5% dos

participantes mencionaram que ambos são responsáveis pelas decisões financeiras. Dos 32,5% que referiram manejar de forma separada, as mulheres foram as que mais controlavam esse manejo, com 17,3% contra 15,2% dos homens. Grande parte dos participantes (83,5%) alegou que outras pessoas ajudam na renda deles (pais, sogros, avós e filhos).

Quanto às prioridades de gastos dos participantes, 50,2% mencionaram a alimentação como a primeira prioridade, seguido de 33,2% que relataram as despesas da casa (aluguel, condomínio, água e luz) como segunda prioridade, 26,9% com a saúde como terceira prioridade, o transporte (24,3%) e o vestuário (21,6%) como quinta prioridade, o lazer (televisão, internet, etc.) em sexta prioridade com 25,2%, os interesses pessoais (26,1%) e os investimentos (31,3%) como oitava prioridade e, por fim, 61,5% citaram a opção outros como nona prioridade, sem especificar o que entenderam como “outros”, parecendo que consideraram que todas as opções de gastos já haviam sido contempladas nas questões anteriores.

A maioria dos participantes (57,5%) afirmou que já juntou suas finanças com seu(sua) companheiro(a) alguma vez. Os tipos de finanças seriam a conta corrente com 18,2%, cartão de crédito com 15,5%, poupança com 14,2% e dinheiro com 6,1% dos participantes. Um total de 35,8% dos participantes menciona que já juntou as finanças em mais de uma dessas opções e 10,1% dizem já terem juntado outro tipo de finança, além das mencionadas, como bens, investimentos e dívidas. Percebe-se que mesmo que 42,5% dos participantes nunca tenha juntado suas finanças com seu(sua) parceiro(a), 79,3% deles planejam os gastos financeiros em conjunto.

Os participantes também responderam questões sobre situações de infidelidade financeira cometida tanto por eles, quanto por seus(suas) companheiros(as). A tabela a seguir apresenta os dados relacionados à infidelidade financeira cometida por eles, a partir da frequência de respostas dos participantes.

Tabela 2: Percentual de respostas sobre indicativos de infidelidade financeira

	Nunca	Raramente	Às vezes	Frequentemente
Escondi dinheiro do meu companheiro	77,0	14,7	7,9	0,4
Escondi um pequeno gasto do meu companheiro	58,1	28,2	12,3	1,4
Escondi um grande gasto do meu companheiro	88,1	8,3	3,2	0,4
Escondi um extrato bancário do meu companheiro	84,8	10,9	3,6	0,7
Escondi uma conta bancária do meu companheiro	92,8	4,3	2,9	0
Menti ao meu companheiro sobre algo relacionado às finanças	77,5	16,7	5,1	0,7
Menti ao meu companheiro sobre uma dívida que eu devia	81,9	13,0	2,9	2,2
Menti ao meu companheiro sobre quanto dinheiro eu ganho/ganhava	89,5	7,6	2,2	0,8
Peguei dinheiro do meu companheiro sem ele saber	93,5	5,0	0,4	1,1

Conforme a tabela acima, pode-se pontuar que a grande maioria dos participantes nunca cometeu qualquer uma das situações de infidelidade financeira mencionadas, sendo que 93,5% afirmam nunca terem pegado dinheiro do(a) parceiro(a) sem que ele(a) soubesse. Dentre os participantes que já cometeram alguma infidelidade financeira, a maioria refere que foram raras às vezes em que isso aconteceu, sendo que a situação mais comum foi esconder um pequeno gasto do(a) parceiro(a), com 28,2%. Apenas 2,2% dos participantes afirmou que frequentemente mentia ao(a) parceiro(a) sobre uma dívida que devia.

Considerando as variáveis sociodemográficas, observou-se que as situações de infidelidade financeira cometidas pelo sujeito se correlacionaram exclusivamente com a renda ($r=-0,131$; $p=0,045$). Não houve diferenças nas situações de infidelidade considerando o sexo ($p=0,454$), a idade ($p=0,258$), a escolaridade ($p=0,110$), a situação conjugal ($p=0,863$) e de trabalho ($p=0,661$) e o tempo de relacionamento ($p=0,330$)

A tabela a seguir apresenta os dados a respeito da percepção dos participantes sobre as atitudes dos cônjuges.

Tabela 3: Percentual de respostas sobre indicativos de infidelidade financeira cometidos pelo(a) companheiro(a)

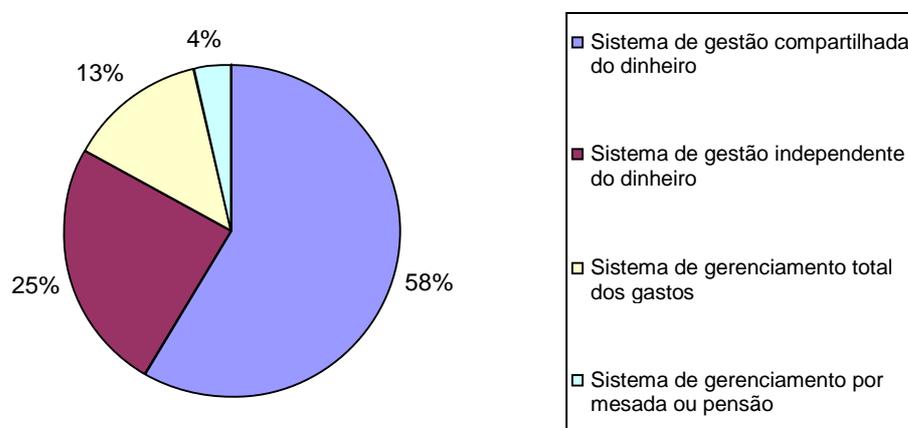
	Nunca	Raramente	Às vezes	Frequentemente
Meu companheiro escondeu dinheiro de mim	80,7	11,7	6,2	1,4

Meu companheiro escondeu um pequeno gasto de mim	61,2	23,8	12,5	2,5
Meu companheiro escondeu um grande gasto de mim	86,2	8,4	3,6	1,8
Meu companheiro escondeu um extrato bancário de mim	88,0	7,3	2,9	1,8
Meu companheiro escondeu uma conta bancária de mim	92,6	4,1	2,2	1,1
Meu companheiro mentiu sobre algo relacionado às finanças	82,0	11,4	5,5	1,1
Meu companheiro mentiu sobre uma dívida que ele devia	87,5	7,0	3,3	2,2
Meu companheiro mentiu sobre quanto dinheiro ele ganha/ ganhava	91,2	4,8	2,6	1,4
Meu companheiro pegou dinheiro meu sem eu saber	91,9	5,5	1,5	1,1

Com os resultados da tabela 3, percebe-se que os participantes acreditam que seus companheiros, assim como eles mesmos, em sua maioria, nunca cometeram nenhuma situação de infidelidade financeira. Um total de 91,9% dos participantes diz que seu(sua) companheiro(a) nunca pegou dinheiro seu sem que ele(a) soubesse, mesma situação que esses participantes afirmam, em sua maioria, nunca terem cometido. Entre os participantes que mencionaram que seu(sua) companheiro(a) já cometeu alguma infidelidade financeira, 23,8% afirmam que seu(sua) parceiro(a) já escondeu um pequeno gasto, fato que mencionam ter raramente acontecido. Essa mesma situação aparece como aquela que é cometida frequentemente pelos cônjuges de 2,5% dos participantes.

Levando em consideração as variáveis sociodemográficas em relação às situações de infidelidade cometidas pelo(a) companheiro(a) constatou-se que não houve diferença entre os sexos ($p=0,746$), a idade ($p=0,594$), a escolaridade ($p=0,640$), a situação conjugal ($p=0,433$) e de trabalho ($p=0,583$), o tempo de relacionamento ($p=0,493$) e a renda ($p=0,195$).

Os casais foram questionados quanto ao tipo de gerenciamento financeiro feito por eles. A figura a seguir demonstra os resultados obtidos.

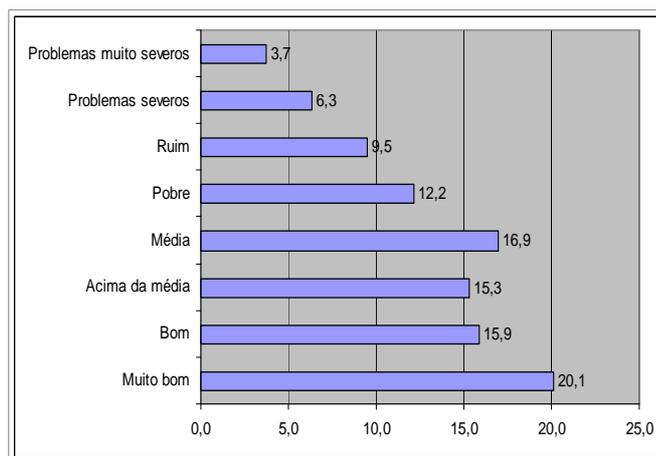
Figura 1. Manejo do dinheiro pelo casal

Conforme as categorias de gerenciamento do dinheiro estipuladas por Pahl (1989), a maioria dos participantes (58%) mencionaram que ambos os cônjuges gerenciam o dinheiro do casal, 25% dos participantes relataram que mantém suas finanças separadas, da mesma forma como assumem compromissos individuais com as despesas da casa, 13% afirmaram que apenas um dos cônjuges é responsável pelo gerenciamento do dinheiro do casal e 4% disseram que um dos cônjuges destina parte do seu ganho salarial para o(a) companheiro(a) gerenciar as despesas domésticas.

Qualidade conjugal

O gráfico a seguir apresenta a distribuição dos casais com relação aos níveis de qualidade conjugal obtidos através do GRIMS:

Figura 2: Porcentagem de distribuição pelos níveis de qualidade conjugal (GRIMS)



Observa-se que a maioria dos casais obteve bons níveis de qualidade conjugal, situando-se na média ou acima da mesma (58,3%). Do total, 12,2% apresentaram pobre qualidade conjugal, 9,5% ruim, 6,3% problemas severos no relacionamento e 3,7% problemas muito severos no relacionamento.

Considerando as variáveis sociodemográficas, observou-se que a qualidade conjugal não se diferenciou conforme o sexo ($p=0,719$) e nem conforme a situação conjugal – casados ou morando juntos ($p=0,641$). Além disso, não se correlacionou com a idade ($p=0,429$) e o tempo de relacionamento ($p=0,103$). Na mesma direção, a qualidade conjugal também não apresentou diferença no que se refere à escolaridade ($p=0,257$), a situação de trabalho ($p=0,344$) e a renda ($p=0,597$).

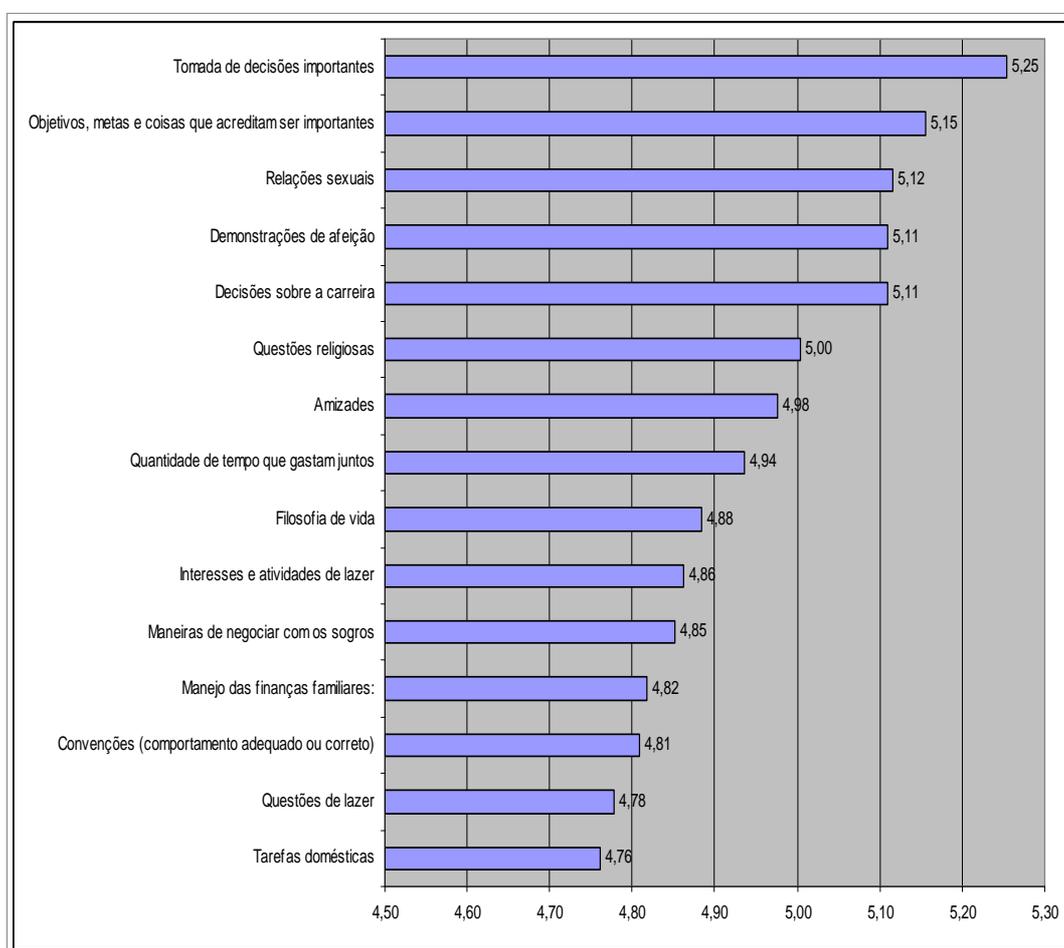
Considerando os dados da DAS, confirmam-se os bons níveis de ajustamento conjugal, ao verificar-se que, em uma escala de zero a seis, em que o zero corresponde a sentir-se extremamente infeliz com o relacionamento e seis a extremamente feliz, a média dos participantes foi de 4,53. Além disso, a maioria dos participantes (51,6%) relata que raramente discute ou considera a possibilidade de se divorciar, separar ou terminar o relacionamento. Apenas 5,3% dizem brigar frequentemente.

Um total de 82,9% dos participantes alega que pensa na maior parte do tempo que as coisas com seu(sua) companheiro(a) estão indo bem, talvez pelo fato de 94,6% deles

confiarem no seu(sua) parceiro(a) na maior parte do tempo. Ainda assim, 26,5% dos participantes mencionam que ocasionalmente se lamentam por seu casamento ou por estarem vivendo juntos e 51,9% dizem que ambos ocasionalmente perdem o controle nas discussões.

Considerando as dimensões de concordância ou discordâncias entre os cônjuges mensuradas pela DAS, verifica-se no gráfico a seguir que o manejo das finanças familiares aparece como o quarto fator de menor concordância, seguido apenas por convenções, lazer e tarefas domésticas.

Figura 3: Frequência de concordância entre os cônjuges

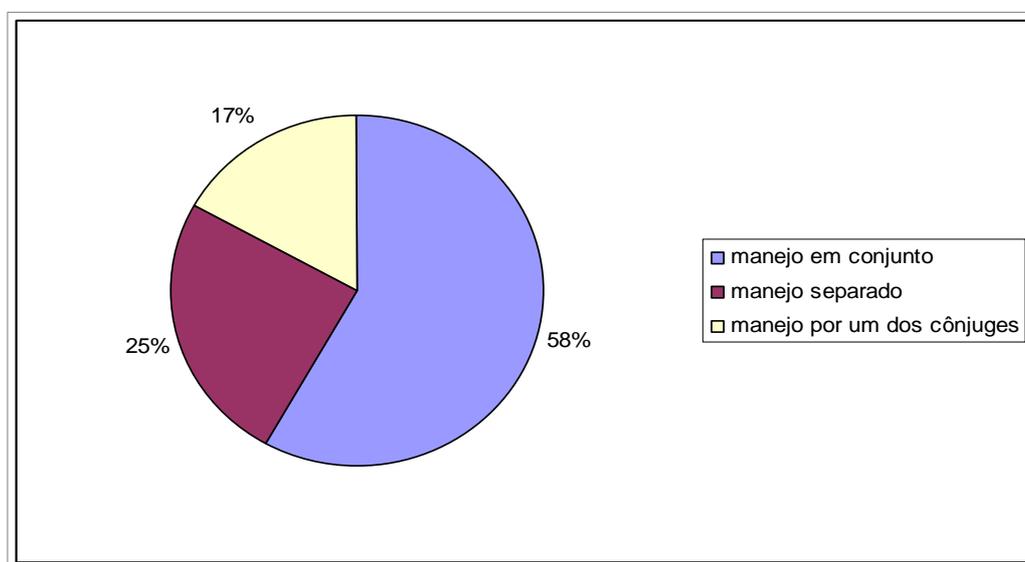


Do total de participantes, 19,2% referiram discordar ocasionalmente sobre as finanças, 5,7% discordar frequentemente, 2,8% discordar quase sempre e 1,4% discordar sempre. Buscando associações com as variáveis sociodemográficas, observou-se que o grau de

concordância entre os cônjuges no que se refere ao manejo das finanças, avaliado pela DAS, não se diferenciou conforme o sexo ($p=0,931$), a situação conjugal ($p=0,721$) e de trabalho ($p=0,749$) e a escolaridade ($p=0,608$). Além disso, não se correlacionou com a idade ($p=0,469$), com o tempo de relacionamento ($p=0,690$) e com a renda ($p=0,941$).

Correlação Manejo do Dinheiro x Qualidade Conjugal

Para avaliar a correlação entre as categorias de manejo do dinheiro e a qualidade conjugal, inicialmente, foi realizado um agrupamento das categorias, considerando que o sistema de gerenciamento por mesada ou pensão foi adotado por somente 4% dos casais participantes. Nesse sentido, como ele refere-se a uma situação em que somente um dos cônjuges gerencia o dinheiro, optou-se por agrupá-lo com o sistema de gerenciamento total dos gastos, que também é exercido por somente um dos cônjuges. Sendo assim, definiu-se três formas de gerenciamento, conforme pode-se observar na figura a seguir:



Através de uma análise de variância, verificou-se que houve diferença significativa ($F=5,116$; $p=0,007$) na qualidade conjugal considerando os três grupos conforme o manejo do dinheiro, sendo que o grupo com pior qualidade conjugal foi aquele em que um dos cônjuges

maneja individualmente as finanças do casal ($m=30,05$), seguido pelos casais que manejam separadamente as despesas da casa e o dinheiro do casal ($m=29,80$) e com uma melhor qualidade conjugal aparece o grupo que maneja em conjunto ($m=24,19$), lembrando que menores pontuações no GRIMS referem-se a melhores índices de qualidade conjugal.

O mesmo se observou em relação ao nível de concordância ou discordância em relação ao dinheiro ($F=7,530$; $p=0,001$) e o grau de felicidade no relacionamento ($F=11,319$; $p<0,001$) mensurado pela DAS. Dessa análise observa-se que os casais que manejam o dinheiro em conjunto são aqueles que tiveram maior índice de concordância em relação ao manejo das finanças ($m=5,11$), quando comparados aos casais em que um dos cônjuges maneja sozinho ($m=4,50$) e aos que manejam separadamente ($m=4,46$). Na mesma direção, os que manejam em conjunto apresentaram maior grau de felicidade com o relacionamento ($m=4,92$), quando comparados aos casais que gerenciam separadamente as finanças ($m=4,10$) e aos casais nos quais um dos cônjuges gerencia o dinheiro do casal ($m=3,93$).

Discussão

Com os resultados obtidos nesse trabalho, observou-se, através do GRIMS, que a maioria dos casais ficou na média ou acima da média no quesito qualidade conjugal. Esse resultado é confirmado pela DAS, mostrando o bom ajustamento dos casais, de maneira geral. É interessante mencionar que, diferente do que se esperava, a qualidade conjugal dos participantes não se diferenciou em relação a cada uma das variáveis sociodemográficas, contrariando dados de estudos prévios que apontavam os homens como mais satisfeitos com seus relacionamentos conjugais (Féres-Carneiro, 1998). Ainda que o manejo das finanças tenha aparecido como o 4º fator de menor concordância entre os casais, observou-se que aqueles casais que manejam o dinheiro em conjunto são os que obtiveram maior índice de concordância em relação às finanças, sendo, também, aqueles que apresentaram maior grau de

felicidade com o relacionamento. Esses resultados nos possibilitam perceber, conforme já postulado por Hardie e Lucas (2010), que o bem estar econômico, aqui apresentado na forma de concordância em relação às finanças, pode prover aspectos positivos na qualidade conjugal. Inclusive observou-se que, para os participantes desse estudo, o grau de concordância em relação às finanças não se diferenciou quando analisadas as demais variáveis sociodemográficas (idade, situação conjugal, tempo de relacionamento, escolaridade, renda e sexo).

A única correlação observada disse respeito à renda e situações de infidelidade, indicando que quanto maior a renda, menos situações de infidelidade financeira foram cometidas. Alguns autores (Cezar-Ferreira, 2007; Papp, Cummings & Goeke-Morey, 2009) mencionam que a qualidade conjugal pode estar associada, não com o nível socioeconômico dos casais, mas com a forma que eles manejam esse dinheiro. Podemos, nesse estudo, dizer que tanto o manejo como o status econômico desses casais esteve associado com maior qualidade conjugal e menor presença de infidelidade financeira, já que os participantes com melhor qualidade conjugal são aqueles que fazem o manejo do dinheiro em conjunto e os casais com pior qualidade conjugal são aqueles em que um dos cônjuges maneja o dinheiro do casal. Nesse sentido, pode-se pensar que o nível socioeconômico atue como fator complementar ao tipo de manejo que os casais fazem e não oposto a ele, como já mencionado anteriormente por Carlson, McLanahan e England (2004) e Sharlin *et. al.* (2000), necessitando novos estudos para confirmar essa relação.

Dos participantes que obtiveram maior índice de discordância em relação às finanças, a maioria deles ocasionalmente discorda sobre esse assunto e uma minoria discorda sempre, revelando que as finanças não se constituem o principal motivo de discordância entre os casais. Também observou-se que o grupo que maneja o dinheiro através de um único membro do casal foi o que apresentou pior qualidade conjugal, possivelmente pelo dinheiro constituir-

se, no contexto desses casais, em um dispositivo de poder, podendo-se inferir que talvez sejam casais com maior dificuldade de abrir mão do controle em favor da relação (Silveira, 2007). Ainda nesse sentido, as mulheres desse estudo são as que mais fazem o controle separado, quando é esse o tipo de gerenciamento entre o casal. Esse resultado confirma os achados da literatura, quando refere que percebe-se conflitos entre o casal quando um deles sente que o outro têm maior influência nas decisões ligadas ao dinheiro (Kirchler, Rodler, Holzl & Meier, 2001), o que poderia justificar o menor índice de concordância entre esses casais.

Alguns participantes, apesar de poucos, também apresentaram menor índice de concordância em relação ao manejo financeiro e pior qualidade conjugal relacionada ao manejo separadamente ou por um dos cônjuges. Percebemos que o manejo está fortemente associado à qualidade conjugal, então, poderíamos inferir que os casais com conflitos no manejo do dinheiro, tendem a apresentar baixos índices de qualidade conjugal, corroborando com alguns autores (Hardie & Lucas, 2010 e Schramm, Marshal, Harris & Lee, 2005) no sentido de que os conflitos ou dificuldades financeiras podem levar a conflitos conjugais tanto em coabitantes quanto casados. Esses conflitos seriam previsíveis porque as despesas ocupam lugar de destaque nas preocupações dos casais, sendo que se não há concordância entre eles, tende a haver maior conflito quanto à necessidade de estipular as prioridades financeiras (Schramm, Marshal, Harris & Lee, 2005).

Também observamos que a maioria dos casais contribuem igualmente nas despesas e uma minoria citou que o(a) parceiro(a) poderia contribuir um pouco mais do que contribui. É um resultado que nos faz pensar que os casais têm reivindicado maior igualdade financeira, de forma que ambos se responsabilizem pelas despesas em conjunto. Essa reivindicação já foi relatada por Ribeiro e Ribeiro (1995), inclusive citando que os casais também preferem que não haja dependência financeira de um em relação ao outro, e que, na relação, não percam sua

identidade individual (Bucher-Maluschke, 2003). Indo ao encontro dessa ideia, é interessante ressaltar que a maioria dos participantes já juntou suas finanças e mesmo aqueles que nunca o fizeram, planejam todos os gastos em conjunto, levando a entender que eles conseguem manter sua independência, conciliando as dimensões de individualidade e conjugalidade (Féres-Carneiro, 1998).

O nível de concordância em relação às finanças, como apresentado pela DAS, parece ter relação com o fato da maioria dos participantes concordar com os gastos do(a) parceiro(a) e uma pequena parcela dos participantes (20,9%) referir brigar quando há um gasto indevido por parte do(a) companheiro(a). Entretanto, a DAS também evidenciou que as finanças é o quarto quesito com maior índice de discordância entre os casais, o que pode refletir as situações de infidelidade financeira descritas pelos participantes e suas consequências, como menor confiança e intimidade entre o casal. Mas, para alguns casais, a infidelidade financeira não trouxe consequências negativas, mas sim, consequências positivas, como terem amadurecido como um casal. Com esse raciocínio, e com o fato de que os participantes dessa pesquisa possuíam, em sua maioria, ensino médio, seguido de pós-graduação, poderíamos supor que casais com maior nível de instrução, conseguem resolver seus conflitos e arranjar estratégias mais funcionais em relação ao manejo do dinheiro, conforme postulado por Carlson, McLanahan e England, 2004 e Sweeney, 2002, quando afirmaram que as pessoas que se casam e que permanecem no casamento, geralmente são aquelas que possuem maior nível educacional. Neste estudo, as dimensões de infidelidade financeira não se diferenciaram em relação as variáveis sociodemográficas, entre elas o nível de escolaridade, mas é importante considerar que esta amostra se caracterizou por possuir níveis de escolaridade superiores ao da população em geral.

Os dados deste estudo permitem concluir que a dificuldade financeira não é algo que por si só possa influenciar negativamente o casamento, da mesma forma que não seria capaz

de prever se esse casamento permanecerá ou se dissolverá (Paraguassú, 2005), mas é um fenômeno complexo que impacta o cotidiano conjugal, estando o sistema de gerenciamento financeiro diretamente relacionado à qualidade conjugal. Nesse sentido, é a forma como o casal consegue lidar com a situação, sua avaliação subjetiva, que pode afetar o humor e a interação de um com o outro (Kinnunen & Feldt, 2004; Price, Choi & Vinokur, 2002), afetando, enfim, a relação conjugal.

Considerações Finais

De maneira geral, neste estudo percebe-se que os resultados se apresentam em conformidade com os postulados anteriores em relação ao tema proposto. Alguns autores já vinham relatando a ideia de relação entre qualidade conjugal e o manejo financeiro dos casais e esse estudo permite reafirmar essa colocação, pois verificou-se que a qualidade conjugal esteve fortemente associada ao manejo do dinheiro pelos casais participantes, inclusive os casais que manejam o dinheiro conjuntamente foram aqueles que obtiveram melhor índice de qualidade conjugal, maior concordância em relação às finanças e maior grau de felicidade em relação ao relacionamento conjugal.

Neste estudo, percebe-se que além dos casais terem a qualidade conjugal correlacionada com o estilo de gerenciamento do dinheiro, também o nível educacional pareceu auxiliar aqueles casais que apresentaram maior conflito em relação às finanças. A maioria dos participantes se caracterizou por um nível de instrução acima da população em geral, então é bem possível que isso tenha fortalecido os casais na busca por estratégias mais funcionais em relação às finanças. Aproveita-se para sugerir que em estudo futuro, possa-se assegurar a participação de casais com diferentes níveis de instrução a fim de verificar com maior clareza sua relação com o manejo do dinheiro e possíveis conflitos relacionados às finanças. Além disso, neste trabalho não medimos o nível de endividamento dos casais, mas foi identificada

correlação entre renda e situações de infidelidade financeira, ainda que poucos tenham mencionado já terem escondido uma pequena dívida que devia do(a) parceiro(a). Diante de algumas situações de infidelidade financeira, como essa, alguns casais optaram por manter suas finanças separadas. Essa situação poderia sugerir que as dívidas assumidas pelo casal fazem com que a satisfação conjugal torne-se um desafio constante, conforme já disse Dew (2008). Assim, uma outra sugestão para um próximo estudo, seria avaliar a relação entre o grau de endividamento do casal e a qualidade conjugal.

Referências

- Anton, I. C. (2000). *A escolha – motivações inconscientes – do cônjuge*. Porto Alegre: Sagrado Luzzatto.
- Borges-Andrade, J. E., & Abbad, G. (1996). Treinamento e desenvolvimento: reflexões sobre suas pesquisas científicas. *Revista de Administração*, 31(2), 112-125.
- Bucher-Maluschke, J. S. N. F. (2003). Relações conjugais em transformação e sofrimento psíquico numa sociedade em transição. In: I. I. Costa, A. F. Holanda, F. M.
- Carlson, M., McLanahan, S., & England, P. (2004). Union formation in fragile families. *Demography*, 41, 237–261.
- Cezar-Ferreira, V. A. M. (2007). *Família, separação e mediação: uma visão psicojurídica*. São Paulo: Editora Método.
- Cooper, D. R., & Schindler, P. S. (2001). *Métodos de pesquisa em administração*. (7ª ed.). Porto Alegre: Bookman.
- Dew, J. (2008). Debt change and marital satisfaction change in recently married couples. *Family Relations*, 57, 60 – 71.

Falcke, D. (2003). Águas passadas não movem moinhos? As experiências na família de origem como preditoras da qualidade do relacionamento conjugal. Tese de doutorado.

Psicologia, PUCRS.

Féres-Carneiro, T. (1998). Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 11(2), 379-394.

Féres-Carneiro, T., Ziviani, C., & Magalhães, A. S. (2011). Arranjos amorosos contemporâneos: sexualidade, fidelidade e dinheiro na vivência da conjugalidade. In: T. Féres-Carneiro. (org.). *Casal e família: conjugalidade, parentalidade e psicoterapia*. (pp 43-60). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Gottman, J. M. (1998). *Casamentos: Por que alguns dão certo e outros não*. São Paulo: Editora Objetiva.

Gottman, J. M., & Krokoff, L. J. (1989). Marital interaction and satisfaction: a longitudinal view. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 57(1), 47-62.

Hardie, J. H. & Lucas, A. (2010). Economic factors and relationship quality among young couples: Comparing cohabitation and marriage. *Journal of Marriage and Family*, 72, 1141 – 1154.

Hernandez, J. A. E. (2008). Avaliação estrutural da escala de ajustamento diádico. *Psicologia em Estudo (Maringá)*, 13(3), 593-601.

Kinnunen, U., & Feldt, T. (2004). Economic stress and marital adjustment among couples: Analyses at the dyadic level. *European Journal of Social Psychology*, 34, 519 – 532.

Kirchler, E., Rodler, C., Holzl, E., & Meier, K. (2001). *Conflict and decision making in close relationships*. Hove: The Psychology Press.

Magagnin, C.; Kõrbes, J. M., Hernandez, J. A. E., Cafruni, S., Rodriguez, M. T., & Zarpelon, M. (2003). Da conjugalidade à parentalidade: Gravidez, ajustamento e satisfação conjugal. *Aletheia*, 17/18, 41-52.

- Magalhães, A. S. (2003). Transmutando a subjetividade na conjugalidade. In: T. Féres-Carneiro. (org.). *Família e casal: arranjos e demandas contemporâneas*. (pp 225-245). Rio de Janeiro/São Paulo: Editora PUC-Rio/Loyola.
- Miranda, E. S. (1987). Satisfação conjugal e aspectos relacionados: a influência da comunicação, da semelhança de atitudes e da percepção interpessoal. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 39(3), 96-107.
- Mosmann, C., & Wagner, A. (2008). Dimensiones de la conyugalidad y de la parentalidad: un modelo correlacional. *Revista Intercontinental de Psicología y Educación*, 10(2), 79-103.
- Mosmann, C., Wagner, A., & Féres-Carneiro, T. (2006). Qualidade conjugal: mapeando conceitos. *Paidéia*, 16(35), 315-325.
- Norgren, M. B. P., Souza, R. M., Kaslow, F., Kammerschmidt, H., & Sharlin, S. A. (2004). Satisfação conjugal em casamentos de longa duração: uma construção possível. *Estudos de psicologia*, 9(3), 575-584.
- Olson, D. H., & Stewart, K. L. (1991). Family systems and health behaviors. In: H. E. Schroeder. (org.). *New directions in health psychology assessment*. (pp 27-64). Nova York: Hemisphere.
- Pahl, J. (1989). *Money and marriage*. London: MacMillan.
- Papp, L. M., Cummings, E. M. & Goeke-Morey, M. C. (2009). For richer, for poorer: Money as a topic of marital conflict in the home. *Family Relations*, 58, 91 – 103.
- Paraguassú, L. A. (2005). *Influências econômicas na manutenção do relacionamento conjugal: um estudo exploratório*. Faculdade Ruy Barbosa, Salvador, BA, Brasil.
- Perguer, N. K. (2010). Variáveis que devem ser consideradas na avaliação da qualidade do relacionamento conjugal. *Revista Perspectivas*, 1(2), 116-129.

- Perlin, G. D. B. (2006). *Casamentos contemporâneos: um estudo sobre os impactos da interação família-trabalho na satisfação conjugal*. Universidade de Brasília, Brasília, DF, Brasil.
- Price, R. H., Choi, J. N., & Vinokur, A. D. (2002). Links in the chain of adversity following job loss: How financial stress and loss of personal control lead to depression, impaired functioning, and poor health. *Journal of Occupational Health Psychology, 7*, 302 – 312.
- Ribeiro, I., & Ribeiro, A. C. T. (1995). *Família em processos contemporâneos: inovações culturais na sociedade brasileira*. São Paulo: Loyola.
- Ricotta, L. C. A. (2002). *O vínculo amoroso: a trajetória da vida afetiva*. (4ª ed.) São Paulo: Editora Ágora.
- Rust, J., Bennun, I., Crowe, M., & Golombok S. (1990). The GRIMS. A psychometric instrument for the assessment of marital discord. *Journal of Family Therapy, 12*(1), 45-57.
- Sharlin, A. S., Kaslow, F., & Hammerschmidt, H. (2000). *Together through thick and thin: a multinational picture of long-term marriages*. Nova York: The Haworth Clinical Practice Press.
- Schramm, D. G., Marshall, J. P., Harris, V. W., & Lee, T. R. (2005). After ‘‘I Do’’: The newlywed transition. *Marriage and Family Review, 38*, 45–67.
- Silveira, T. M. (2007). O papel da criatividade nas relações conjugais: os limites do ‘‘eu’’ e os limites do ‘‘nós’’. *Revista IGT na Rede, 4*(7), 199-207.
- Spanier, G. B. (1976). Measuring Dyadic Adjustment: New Scales for Assessing the Quality of Marriage and Similar Dyads. *Journal of Marriage and The Family, 38*(1), 15-26.
- Sweeney, M. (2002). Two decades of family change: The shifting economic foundations of marriage. *American Sociological Review, 67*, 132–147.
- Teykal, C. M., & Rocha-Coutinho, M. L. (2007). O homem atual e a inserção da mulher no mercado de trabalho. *Psicologia (PUCRS), 38*(3), 262-268.

VanLaningham, J., Johnson, D. R., & Amato, P. (2001). Marital happiness, marital duration, and the u-shaped curve: Evidence from a fivewave panel study. *Social Forces*, 79, 1313–1341.

Whitaker, A. (1990). *Dançando com a família*. Porto Alegre: Artes Médicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS DA DISSERTAÇÃO

Os dois estudos apresentados nesse documento de dissertação trouxeram reflexões importantes sobre o tema do manejo do dinheiro e também sua relação com a qualidade conjugal. Quanto ao manejo do dinheiro, percebemos que houve diferença em relação aos dados que vêm sendo encontrados em pesquisas anteriores quando comparados aos resultados dessa pesquisa. Os conflitos conjugais relacionados ao manejo do dinheiro, que vem sendo apontado por estudiosos, não ficam evidentes nessa pesquisa, inclusive descrevemos essa amostra como casais que convivem harmoniosamente no quesito gerenciamento das finanças. Devemos ficar atentos, em estudos posteriores, ao fato de que o dinheiro, por si só, já não se configura como um grande problema nas relações conjugais.

Não podemos deixar de levar em consideração a possibilidade dos resultados desse estudo terem sido contaminados pelas características da amostra, inclusive percebeu-se que os dados que apontam o baixo índice de infidelidade financeira dessa amostra se correlacionam com a renda dos participantes, contrariando a literatura que vai na direção de que a forma de manejo é mais importante do que a quantidade de dinheiro. Também devemos considerar que os participantes desse estudo possam ter respondido o instrumento conforme sua desejabilidade social de responder a uma expectativa social, nesse caso, mostrando que não possuem conflitos em relação ao dinheiro ou mesmo querendo se mostrar um casal exemplo de como manejar as finanças sem problemas e manter a saúde do relacionamento.

Quanto ao manejo do dinheiro e sua relação com a qualidade conjugal, percebemos que os casais apresentaram forte correlação entre a qualidade conjugal e o estilo de gerenciamento do dinheiro, inclusive os casais que manejam o dinheiro conjuntamente são aqueles que

obtiveram melhor índice de qualidade conjugal, maior concordância em relação às finanças e maior grau de felicidade em relação ao relacionamento conjugal.

Com os resultados de ambos os estudos, percebemos a necessidade de mensurar a situação de endividamento dos casais e os diferentes níveis socioeconômicos, já que observamos que alguns participantes mencionaram já terem escondido uma dívida do(a) parceiro(a). O nível socioeconômico pode estar relacionado ao grau de endividamento dos casais e, por conseguinte, pode afetar a relação do manejo do dinheiro e a qualidade conjugal.

É importante ressaltar que foi necessário construir um instrumento que avaliasse o manejo do dinheiro pelo casal, como forma de viabilizar a realização dessa pesquisa. Como não foram encontrados instrumentos disponíveis em relação a esse tema, esse estudo se propôs a construir um instrumento e avaliar sua confiabilidade, indicando a importância de que estudos futuros possam validar um instrumento sobre o manejo do dinheiro, e que se possa, dessa forma, instigar novas e importantes discussões sobre esse tema que ainda é pouco discutido.

ANEXOS

Anexo 1 – Parecer Comitê de Ética



UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS
Unidade de Pesquisa e Pós-Graduação (UAP&PG)
Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)

Versão março/2008

UNIDADE DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA
RESOLUÇÃO 134/2011

O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS analisou o projeto:

Projeto: N° CEP 11/129 **Versão do Projeto:** 27/09/2011 **Versão do TCLE:** 27/09/2011

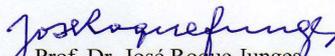
Coordenadora:
Profa. Denise Falcke (PPG em Psicologia)

Título: Variáveis preditoras da Violência Conjugal: Experiências na família de origem, características pessoais e relacionais.

Parecer: O projeto foi **APROVADO**, por estar adequado ética e metodologicamente, conforme os preceitos da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde.

A pesquisadora deverá encaminhar relatório anual sobre o andamento do projeto, conforme o previsto na Resolução CNS 196/96, item VII.13, letra d. Somente poderão ser utilizados os Termos de Consentimento onde conste a aprovação do CEP/UNISINOS.

São Leopoldo, 27 de setembro de 2011.


Prof. Dr. José Roque Junges
Coordenador do CEP/UNISINOS

Anexo 2 – Questionário de dados sociodemográficos

1. Idade: _____ anos.
2. Sexo: () Feminino () Masculino
3. Situação conjugal: () Casado(a) oficialmente () Morando juntos/união estável
4. Há quanto tempo você está com o(a) atual companheiro(a)? _____ anos.
5. Escolaridade: () Sem instrução
() Ensino Fundamental – 1o grau
() Ensino Médio – 2º grau
() Ensino Superior em andamento
() Ensino Superior concluído
() Pós-Graduação
6. Você exerce alguma atividade remunerada? () Sim () Não
7. Qual é sua situação de trabalho?
() Autônomo(a)
() Empregado(a)
() Desempregado(a)
() Estudante
() Aposentado(a)/Pensionista
() Não exerço atividade de trabalho fora do lar
8. Renda pessoal: R\$ _____
9. Qual sua religião? _____
10. Você tem filhos? () Sim () Não

Anexo 3 - Questionário sobre Qualidade Conjugal (GRIMS, Rust et al, 1990).

Pensando no seu relacionamento **atual** com seu marido/companheiro, responda as próximas questões. Leia cada afirmativa cuidadosamente e decida pela resposta que melhor descreve como você se sente em seu relacionamento com seu marido/companheiro. Marque com um X a resposta correspondente.

	Discordo fortemente	Discordo	Concordo	Concordo fortemente
1. Meu companheiro geralmente sabe das minhas necessidades e é sensível a elas.				
2. Eu realmente aprecio o senso de humor do meu companheiro.				
3. Meu companheiro parece não querer mais me ouvir.				
4. Meu companheiro nunca foi desleal comigo.				
5. Eu estaria disposta a deixar meus amigos se isso fosse salvar nosso relacionamento.				
6. Eu estou insatisfeita com nosso relacionamento.				
7. Eu gostaria que meu companheiro não fosse tão preguiçoso e não adiasse as coisas que tem que fazer.				
8. Às vezes, eu me sinto sozinha mesmo quando eu estou com meu companheiro.				
9. Se meu companheiro me deixasse, eu não teria mais vontade de viver.				
10. Somos capazes de concluir uma discussão respeitando nossas diferenças de opinião.				
11. É inútil prosseguir com um casamento além de um certo ponto.				
12. Nós dois parecemos gostar das mesmas coisas.				
13. Eu acho difícil mostrar para meu companheiro que eu estou querendo carinho.				
14. Eu nunca coloco em dúvida nosso relacionamento.				
15. Eu me satisfaço só em sentar e conversar com meu companheiro.				
16. Eu acho a idéia de passar o resto da minha vida com meu companheiro um tanto chata.				
17. Sempre existe muita troca em nosso relacionamento.				
18. Nós nos tornamos competitivos quando temos que tomar decisões.				
19. Eu sinto que realmente não posso mais confiar no meu companheiro.				
20. Nosso relacionamento ainda é cheio de alegria e divertimento.				
21. Um de nós está continuamente falando e o outro está geralmente quieto.				
22. Nosso relacionamento está em constante evolução.				
23. Casamento tem realmente mais a ver com segurança e dinheiro do que com amor.				
24. Eu gostaria que existisse mais carinho e afeto entre nós.				
25. Eu sou totalmente dedicada ao relacionamento com o meu				

companheiro.				
26. Às vezes, nosso relacionamento é tenso porque meu companheiro está sempre me corrigindo.				
27. Eu suspeito que nós possamos estar à beira da separação.				
28. Nós sempre conseguimos fazer as pazes rapidamente depois de uma discussão.				

Anexo 4 – Escala de Ajustamento Diádico (DAS, Spanier, 1976))

Por favor, indique abaixo a extensão apropriada da concordância ou discordância entre você e seu companheiro para cada item na lista seguinte.

	Discordamos sempre	Discordamos quase sempre	Discordamos frequentemente	Discordamos ocasionalmente	Concordamos quase sempre	Concordamos sempre
Manejo das finanças familiares						
Questões de lazer						
Questões religiosas						
Demonstrações de afeição						
Amizades						
Relações sexuais						
Convenções (comportamento adequado ou correto)						
Filosofia de vida						
Maneiras de negociar com os sogros						
Objetivos, metas e coisas que acreditam ser importantes						
Quantidade de tempo que passam juntos						
Tomada de decisões importantes						
Tarefas domésticas						
Interesses e atividades de lazer						
Decisões sobre a carreira						

Por favor, indique abaixo aproximadamente quão frequente os seguintes itens ocorrem entre você e seu companheiro.

	Todo o tempo	A maior parte do tempo	Frequentemente	Ocasionalmente	Raramente	Nunca
--	--------------	------------------------	----------------	----------------	-----------	-------

Infeliz

Feliz

Anexo 4 – Questionário sobre o manejo do dinheiro

Em um relacionamento amoroso, a questão financeira e o manejo do dinheiro são temas do cotidiano. Interessa-nos saber como você e o seu companheiro lidam com esses assuntos. Sobre essa temática, são as perguntas a seguir.

Você sabe quanto seu companheiro ganha?

() Sim. Qual é a renda dele? R\$ _____

() Não.

Você considera que a renda familiar de vocês é suficiente para viverem?

() Sim.

() Não. Por quê? _____

Vocês contribuem igualmente nas despesas da casa?

() Sim.

() Não. Quem contribui mais? () Eu. () Ele. Por quê? _____

Você acha que seu companheiro deveria contribuir mais do que contribui atualmente nas despesas da casa?

() Sim.

() Não.

Por quê? _____

Você concorda com a maioria dos gastos do seu companheiro? () Sim () Não

Vocês brigam quando há um gasto indevido por parte dele? () Sim () Não

Quem de vocês dois controla o manejo do dinheiro do casal? () Eu () Ele () Ambos

Outras pessoas ajudam na renda de vocês? () Não () Sim. Quem? _____

Enumere de 1 a 9, em ordem de prioridade, seus principais gastos:

() Alimentação

() Despesas da casa (aluguel, condomínio, água, luz)

() Interesses pessoais – Quais? _____

() Investimentos

() Lazer (televisão, internet, etc)

() Saúde

() Transporte

() Vestuário

() Outros – quais? _____

Pensando sobre seu relacionamento conjugal atual, alguma vez você juntou suas finanças com seu companheiro (exemplo: cartão de crédito em comum, conta bancária conjunta)? () Sim () Não

Que tipo de finanças vocês juntaram? _____

Você e seu companheiro planejam os gastos financeiros em conjunto?

() Não () Sim.

Quais? _____

Qual das situações de manejo financeiro descritas a seguir você acredita que corresponde ao seu relacionamento conjugal:

- () Um de nós é responsável pelo gerenciamento de todo ganho financeiro do casal.
 () Um de nós destina um valor do seu ganho salarial para o/a companheiro/a gerenciar as despesas da casa.
 () Nós gerenciamos nosso dinheiro e as despesas da casa de forma conjunta.
 () Cada um de nós tem seu compromisso individual com as despesas da casa e mantemos nossas finanças separadas.

Qual das seguintes situações, se for o caso, você já cometeu no seu relacionamento conjugal atual?

	Nunca	Raramente	Às vezes	Frequentemente
Escondi dinheiro do meu companheiro				
Escondi um pequeno gasto do meu companheiro				
Escondi um grande gasto do meu companheiro				
Escondi um extrato bancário do meu companheiro				
Escondi uma conta bancária do meu companheiro				
Menti ao meu companheiro sobre algo relacionado às finanças				
Menti ao meu companheiro sobre uma dívida que eu devia				
Menti ao meu companheiro sobre quanto dinheiro eu ganho/ ganhava				
Peguei dinheiro do meu companheiro sem ele saber				

Qual das situações a seguir, se for o caso, o seu companheiro já cometeu no relacionamento conjugal de vocês?

	Nunca	Raramente	Às vezes	Frequentemente
Meu companheiro escondeu dinheiro de mim				
Meu companheiro escondeu um pequeno gasto de mim				
Meu companheiro escondeu um grande gasto de mim				
Meu companheiro escondeu um extrato bancário de mim				
Meu companheiro escondeu uma conta bancária de mim				
Meu companheiro mentiu sobre algo relacionado às finanças				
Meu companheiro mentiu sobre uma dívida que ele devia				
Meu companheiro mentiu sobre quanto dinheiro ele ganha / ganhava				
Meu companheiro pegou dinheiro meu sem eu saber				

Se alguma das situações anteriores aconteceu, expresse seu nível de concordância com relação ao que ocorreu no relacionamento conjugal de vocês depois disso.

	Discordo completamente	Discordo	Concordo	Concordo completamente
Tivemos uma discussão				
Passamos a ter menos confiança no relacionamento				
Separamos nossas finanças				
Chegamos a pensar em divórcio				
Ficamos mais unidos / crescemos juntos				
Passamos a ter menos intimidade no relacionamento				
Não nos importamos com o acontecido				
Não conversamos sobre o assunto				
Outra. Qual? _____				

Tenho dúvida se meu companheiro cometeu alguma das situações.

Verdadeiro Falso

Meu companheiro não sabe que cometi alguma das situações.

Verdadeiro Falso

Devido a qualquer uma das “decepções financeiras”, vocês fizeram alguma nova reformulação a fim de mudar a forma como o casal gerencia as finanças da casa?

	Discordo completamente	Discordo	Concordo	Concordo completamente
Nós resolvemos nos comunicar mais abertamente sobre as finanças				
Nós resolvemos criar um orçamento dividido				
Nós resolvemos manter contas separadas				
Nós resolvemos fazer alguma coisa diferente				
Nós mantivemos tudo como estava, ainda que devêssemos ter mudado				
Eu não vejo necessidade de mudar				
Isso não é um problema no meu relacionamento atual				